

**JOANA D'ARC,
a Donzela
de Orléans**



**EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, R.J.**



VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 37

JOSÉ BERNARD, S.J.

JOANA D'ARC

A Donzela de Orléans



1961

EDITORA VOZES LIMITADA
PETRÓPOLIS, RJ

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TROPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP O. F. M. PETROPOLIS, 23-1-1961.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PREFÁCIO

Uma donzela de 19 anos enche de admiração a quantos apreciavam a verdadeira grandeza humana. Não é nenhuma "estrêla" do cinema que, talvez sem personalidade própria, só sabe representar outras personagens. Joana d'Arc, a Donzela ou Virgem de Orléans, não representou, mas viveu seu próprio drama no qual, inabalável e invicta, foi merecedora de glória imortal. Três coroas cingem-lhe a fronte:

A primeira, tecida de louro, galardoa a guerreira intrépida e vitoriosa. Sòmente nas lendas se viu semelhante coroa na cabeça de uma mulher.

A segunda coroa, composta de palmas, é o prêmio da mártir, da inocência perseguida, caluniada, maltratada e sacrificada na horrenda fogueira.

Finalmente a terceira coroa, de intacta alvura, ostenta os lírios imortais da virgindade.

Uma glória tão genuína da Igreja Católica não devia permanecer no esquecimento que injustamente a cobria durante séculos. No século passado a França se lembrou de sua salvadora. Muito contribuiu para êste ressurgimento a edição dos processos de condenação e reabilitação, feita em 1841-49, em 5 volumes, por J. Quicherat. Uma nova edição em 2 volumes apareceu em 1920. No mesmo ano uma lei elevou o aniversário da morte de Joana d'Arc — 30 de maio — a festa nacional.

A cidade de Orléans e o Episcopado francês esforçaram-se por honrar, tornar conhecida e levar à honra dos altares a virgem mártir. Apareceram artigos, geralmente sôbre questões litigiosas, e biografias, constituindo farta literatura. Sua vida e sorte tão extraordinárias empolgaram também os poetas, que, com maior ou menor fidelidade histórica, cantaram seu

louvor. Citemos: Shakespeare (em Henrique VI), Voltaire, Schiller, Shaw, Claudel.

No Brasil Joana d'Arc já não é uma desconhecida. Em 1920, ano da canonização, os salesianos de Niterói editaram um resumida Vida de Santa Joana d'Arc. Em 1935 o escritor gaúcho Érico Veríssimo contou de modo ameno a sua vida. O auto reproduz bem o ambiente histórico, confundindo e misturando porém verdade e lenda.

Antes de escrever o presente estudo histórico consultamos ainda: *Giovanna d'Arco detta la Pucella d'Orleans*, de Andre Beltrami; *Sainte Jeanne d'Arc*, par L. H. Petitot, O. P.; *Die Jungfrau von Orléans* von Charlotte Lady Blennerhasset; *Allgemeine Weltgeschichte* von Theodor Flathe; *Geschichte des Mittelalters*; *Lexikon für Theologie und Kirche*; *Der Grosse Brockhaus Stimmen der Zeit*; *Acta Apostolicae Sedis*, Vol. I, 1909 (beatificação) e Vol. XII, 1920 (canonização).

Em nossos dias o sueco Sven Stolpe fez um estudo crítico em que separa nitidamente o lendário, o incerto e o histórico provado (Sven Stolpe, *Das Mädchen von Orléans*. Deutsch von Alfred von Sternneck. 3. Auflage 1958. J. Knecht, Carl Druckerei, Frankfurt a. M.)

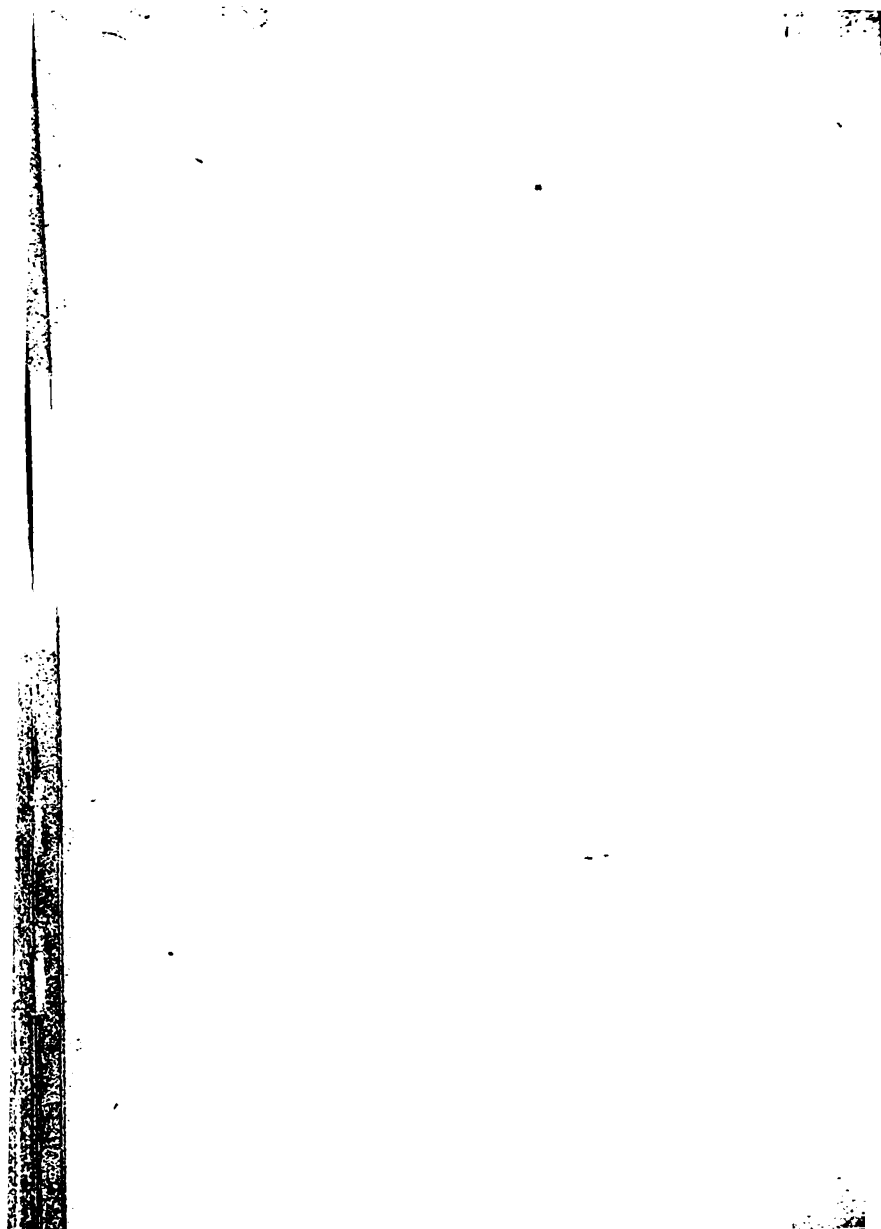
Apareceu também, em 1956, uma nova edição dos processos de Joana d'Arc, elaborada por Ruth Schirmer-Imhoff. A primeira edição deste gênero em língua alemã (Editor: J. B. Bachem Köln).

Estas duas obras contêm praticamente o que sabemos de Joana d'Arc. Ao leitor, desejoso de informações seguras, recomendamos a estes dois autores. Encontrará aí mais por extenso que nosso trabalho conta resumido. Nas outras obras encontramos os mesmos pormenores, mas frequentemente interpretações diferentes. Elas nos induziram a discordar ocasionalmente de Sven Stolpe, como o anotamos na ocorrência. Evitamos na medida do possível questões duvidosas e controvertidas.

Apesar de Joana d'Arc pertencer ainda à Idade Média, temos sobre ela notícias abundantes e de rara precisão. De outras personagens célebres do passado só temos informações incompletas e duvidosas, transmitidas por cronistas que registavam quase indiferentemente notícias certas e meros boatos. De Joana d'Arc temos as atas fidedignas de dois processos jurídicos

que se ilustram mutuamente. O quadro histórico é completado por esparsas notícias, encontradas em crônicas locais da mesma época.

A finalidade desta brochura é tornar conhecida a vida extraordinária da virgem guerreira e mártir e esclarecer dúvidas, suscitadas pelo influxo sobrenatural, orientador de seu comportamento, e pelo processo escandaloso instruído por pessoas eclesiásticas, em parte enganadas, em parte francamente indignas. A apoteose da solene reabilitação em 1456 e a canonização em nossos dias — 1920 — esclarecem a verdadeira posição e mente da Igreja Católica. Infelizmente, a propaganda anticatólica dos nossos protestantes, espíritas e maçons pretende tirar da heróica de Orléans argumentos contra a Igreja Católica. Esta a razão por que inserimos o livrinho entre os cadernos “Vozes em Defesa da Fé”.



I PARTE: A SALVADORA DA FRANÇA

A GRANDE MISÉRIA

Raras vêzes na história um país jazia tão degradado como a França no princípio do século XV. Esquecidas estavam as glórias do passado, de Clodoveu, o fundador do reino, que merecera o título de "Rei Cristianíssimo", e de Luís IX, o Santo. Desde 1338 o país fôra invadido pelos ingleses, num esforço tenaz de subjugá-lo à sua coroa. A guerra havia de durar mais de cem anos. No princípio os invasores eram vitoriosos em Crécy e Poitiers. Mas Carlos V reconquistou quase tôdas as regiões perdidas.

Infelizmente Carlos V, o Sábio, morreu jovem e o menino que, em 1392, lhe sucedeu no trono, Carlos VI, deu logo sinais inequívocos de alienação, estado que ficou até a sua morte em 1422.

Com êste acúmulo de desgraça que se juntava aos efeitos devastadores e desmoralizadores de uma guerra tão prolongada, a França chegou ao estado de prostração que entrou na memória da posteridade como "la grande pitié": A grande miséria. O historiador Petitot resume-o do modo seguinte: "Um rei louco, uma rainha sensual e traidora, dois duques ambiciosos e rivais, o conquistador inglês, dois assassinios políticos, uma derrota desastrosa, uma revolução, a peste, um tratado que entregava Paris e a França ao inimigo hereditário, extensos campos sem vida e seus moradores refugiados nos matos, reduzidos à miséria ou transformados em salteadores".

Os pormenores dêste quadro tétrico desenrolar-se-ão diante dos nossos olhos nas linhas que seguem. A desgraça aumentou ainda por crises econômicas, que esvaziaram o tesouro nacional, impossibilitando o recrutamento de tropas, tão necessárias na guerra contra o invasor inglês. Só um milagre podia salvar a França.

O país infeliz almejava por um salvador, que a providência divina estava preparando no silêncio e recolhimento de uma alma escolhida.

* * *

Entraram em cena dois duques, cuja rivalidade mergulhou a França em gravíssimas desordens políticas, o Duque Filipe de Borgonha, a quem pouco depois sucedeu João sem Medo, e o Duque Luís de Orléans.

Luís de Orléans era irmão do infeliz rei Carlos VI e governava em seu lugar. As intenções do regente eram retas, mas sua vida imoral não lhe merecia a estima do povo. Era amante da cunhada Isabel, a mal-afamada esposa do rei enlouquecido e ao mesmo tempo tinha relações semelhantes com a mãe do próprio rival, o Duque de Borgonha.

Do seu lado, João sem Medo, o Duque de Borgonha, era grande adversário do regente Luís de Orléans. Sem dúvida as relações do rival com a duquesa-mãe bastavam para suscitar inimizade entre os dois duques. Além disto João sem Medo era um dos príncipes mais poderosos, não só da França, mas também da Europa. Dominava na Borgonha e no Flandres. Em sua ambição, julgava que não era a um rei louco e que a ele mesmo o vassalo mais poderoso da França, competia a coroa de Clovis e de São Luís.

Em novembro de 1407 os dois rivais encontraram-se em Paris para "fazer as pazes". No dia 22 estavam sentados ainda lado a lado, num solene banquete. No dia seguinte o regente Luís de Orléans foi encontrado assassinado nas ruas da capital.

Ninguém duvidava do autor. João sem Medo achou prudente abandonar sem demora o cenário do seu crime. Retirou-se para Flandres. Apesar do ocorrido, o povo estava do seu lado. Odiava o regente assassinado por causa de sua dureza na arrecadação dos impostos. Também na nobreza e na influente universidade de Paris a vida imoral do defunto não estava esquecida. O Duque de Borgonha podia contar com a capital, que logo entrou em franca rebelião contra o rei.

Ambos os partidos dirigiram os olhos para a Inglaterra pedindo auxílio. Ali reinava Henrique IV, que nobremente reconhecia os direitos do rei Carlos VI e, se não o podia socorrer, ao menos não o guerreava. Mas a situação mudou quando o trono foi ocupado por seu filho Henrique V, rei talentoso e chefe militar experimentado. O novo soberano inglês fomentava planos ambiciosos, querendo ser rei conjuntamente da Inglaterra

e da França. Renovou a guerra que já durava quase 80 anos, entrando na França à testa de um grande exército, treinado segundo novos princípios.

O Duque Carlos de Orléans, filho do regente assassinado, enfrentou o invasor com todas as forças que conseguira reunir. Travou, em 1415, a batalha de Azincourt, tão desastrosa para a França que morreram mais de quinze mil homens e só mil e quinhentos restaram com vida. A flor da nobreza jazia no campo de batalha. O próprio duque foi preso e levado à Inglaterra. Em consequência da vitória de Azincourt, Henrique V tinha diante de si o país indefeso. Conquistou em seguida a Normandia.

O Duque de Borgonha, João sem Mêdo, traíra seu rei. Por um tratado secreto aliara-se ao invasor e mantivera-se inativo diante de seus sucessos militares. Em 1418 entrou em Paris, onde foi recebido solenemente. Existiam então três chefes na França: Henrique V na Normandia, João sem Mêdo em Paris, e o legítimo rei da França ao sul do rio Loire. Vivia ainda Carlos VI, o infeliz alienado. Mas desde 1416 tinha sucessor no seu filho Carlos VII, de 13 anos de idade.

O perigo era grande. Para impedir novas conquistas do invasor inglês, os conselheiros eram de aviso que o rei devia entender-se com João sem Mêdo, o poderoso duque. Combinaram uma entrevista. No dia 10 de setembro de 1419, o jovem rei avançou lentamente numa ponte do rio Yonne, ao sul de Paris. Do outro lado aproximou-se João sem Mêdo. Encontraram-se no meio da ponte, dando-se as mãos. A poucos passos pararam os nobres do séquito.

A entrevista descambou rapidamente em discussão. "Para que conferenciar com um rapaz que assim mesmo não pode decidir nada sem a aprovação do seu pai louco!" exclamou o duque e virou as costas ao príncipe herdeiro que, triste, deu volta também para se retirar. No mesmo instante João sem Mêdo caiu por terra com o crânio partido.

O que acontecera? Parece que um cavaleiro de Carlos VII, Tanneguy Duchâtel, furioso por causa da injúria feita a seu senhor, lançara-se sobre o duque e o abatera com o machado de guerra. Assim o assassino Duque de Orléans recebeu o castigo do seu crime.

E' deprimente considerar o estado da França que seguiu a este dia funesto. O público imputava ao rei a autoria do crime. O parlamento de Paris declarou-o indigno da sucessão ao trono. A própria mãe de Carlos VII, Isabel, ligou-se com Filipe de Borgonha, chamado o Bom, filho de João sem Mêdo.

Foi ela também que encaminhou o enlace matrimonial de sua filha Catarina, irmã de Carlos VII, com o invasor Henrique V.

O casamento foi celebrado com pompa inaudita em Troyes, no dia 2 de junho de 1420. O dia é tristemente memorável porque ratificou solenemente um tratado já combinado antes em Arras, tratado funesto, em que Isabel, a rainha-mãe desnatural, junto com Filipe o Bom, o vassalo infiel, e a França dominada pelos invasores, escolhiam Henrique V como seu rei. A partir daquele dia ele se chamava rei da França e da Inglaterra. Morreu em 1422 e o título de rei de ambos os países passou a seu filho Henrique VI.

Para compreender melhor o processo contra Joana d'Arc, a paladina do legítimo rei da França, devemos considerar a mudança que se operou na mente de muitos franceses. A própria mãe de Carlos VII, mais o Duque de Borgonha, o parlamento e a universidade de Paris, muitos nobres e o povo em geral, começaram a considerar legítima a causa dos ingleses. Muitos aderiram de boa fé. Para eles Carlos VII era o usurpador, combatê-lo era cruzada santa; favorecê-lo, como fazia Joana d'Arc, só podia ser obra criminosa e diabólica.

Entretanto Carlos VII não ousava mais ultrapassar o rio Loire. Jovem, inexperiente e indeciso, estava nas mãos de conselheiros fracos, ambiciosos e desunidos. A "grande miséria" chegou a seu auge. O país era saqueado pelos exércitos em guerra e por salteadores. O valor da moeda caiu à duodécima milésima parte do nominal. Fugiam os camponeses com seus rebanhos. O país mergulhou num "silêncio completo, em que nem se ouvia um galo cantar".

Os ingleses, chefiados pelo Duque de Bedford, irmão de Henrique V, conquistaram uma cidade após outra. Em 1424 foi aniquilado o exército francês na batalha de Verneuil, desastre que se junta à série de Crécy, Poitiers e Azincourt. Em 1427 foi assediada a importante fortaleza no rio Loire: a cidade de Orléans.

Se Orléans caísse, estaria provavelmente decidida a sorte da França.

* * *

Ao sul do Loire, trocando várias vezes de residência, vivia o triste filho de um rei alienado. Carlos VII ainda não estava coroado. Como príncipe herdeiro era chamado Dauphin (Delfim), único título que Joana d'Arc depois lhe concedeu até o dia da coroação. Ela o chamava de "gentil Dauphin", embora tivesse um exterior quase repelente. Apesar da tara que nele pesava,

não era o degenerado, como a história o caracterizou. Na política dependia dos seus conselheiros, no trato era generoso e sabia ser grato a vassallos fiéis.

Na noite de Todos os Santos de 1428 o Dauphin se prostrou na sua capela e dirigiu a Deus a pergunta desesperada sobre seu futuro. Podia considerar-se autorizado a prosseguir na luta pelo trono da França? Ou seria que Deus escolhera o pretendente inglês?

Coragem, "gentil Dauphin", no momento Deus se cala, mas em breve Ele te dará uma resposta única na história.

ANSIA DE SALVAÇÃO

Nos dias da "grande miséria", em que a França se via tão profundamente degradada, corriam, como não podiam faltar, inúmeros boatos de boca em boca. Sven Stolpe conta:

O bruxo e visionário Merlin teria profetizado que a França seria salva por uma virgem com trajes de homem. E mais, acreditava-se que esta jovem viria da Lorena. Uma das testemunhas no processo (contra Joana d'Arc) afirmou ter lido num livro velho que esta virgem sairia de um mato de carvalho na Lorena. — Não importa que Merlin falasse de um país diferente. O que aqui interessa é o fato de tais boatos existirem antes da aparição de Joana d'Arc.

Diante do "Dauphin" apareceu uma piedosa mulher, Marie d'Avignon, contando suas visões relacionadas com os sofrimentos inauditos da França. Uma voz lhe comunicara que a calamidade havia de crescer ainda. Apareceu-lhe uma armadura. Assustada pensou ter de usá-la. Mas a voz esclareceu: Viria uma virgem que devia vesti-la, vencer os inimigos e salvar o reino da França.

A comissão que antes da libertação de Orléans examinou Joana d'Arc, conhecia também estes boatos e vaticínios, constatando que então estavam realizados.

A própria Joana d'Arc ouvira os mesmos rumores. No terceiro interrogatório de seu processo (24-2-1431) ela disse o seguinte: "Quando me apresentei ao rei, aconteceu que me perguntaram se havia na minha terra um certo mato, o "mato branco", pois dali devia, segundo certos vaticínios, vir uma menina que faria milagres. Mas eu não acreditei".

Já antes de sair de Domrémy, sua terra natal, Joana disse a uma amiga: "Irei ter com o Dauphin e lhe perguntarei se não conhece a profecia, segundo a qual a França seria arrui-

nada por uma mulher e depois restabelecida por uma virgem lorena”.

Estes boatos, ou talvez no caso de Marie d'Avignon, verdadeira profecia, prepararam o caminho de Joana d'Arc. Poder-se-ia duvidar que a ignorante menina tivesse nutrido a ilusão de ser ela a designada e que a idéia fixa a tivesse elevado acima da sua condição, fazendo dela a salvadora da França. O desenrolar dos acontecimentos responderá e esclarecerá as dúvidas, excluindo o influxo da ilusão e a idéia fixa preconcebida.

A MENINA DE DOMRÉMY

Quando em 1412 nasceu Joana, a quarta filha de Jacques d'Arc e Isabelle Romée, ninguém pensou nas profecias, que se contavam em tôdas as casas. O futuro da menina parecia o comum de tôdas as crianças, nascidas em condições humildes: seria o que eram seus pais, como as demais meninas da mesma aldeia, uma camponesa laboriosa, uma boa mãe de família.

Em Domrémy, aldeia lorena, onde se achava a casa paterna, não havia escola. A menina não aprendeu a ler e escrever. O único que Joana sabia eram as verdades da fé, ensinadas por uma inteligente e enérgica mãe. Foi dela que aprendeu a fazer o sinal da cruz e a rezar o Creio em Deus Pai, o Pai-Nosso e a Ave-Maria.

Quando Joana saía de casa, via na próxima vizinhança a igreja paroquial, que cada vez mais a atraía. Ao badalar dos sinos, soando o ângelus, ela fazia o sinal da cruz e ajoelhava-se. Fora da aldeia, numa elevação, havia uma capelinha, consagrada a Nossa Senhora de Bermont. Muitas vêzes, de preferência nos sábados, Joana visitava aquela imagem e, quando possível, acendia uma vela em honra da Mãe de Deus.

Se assim desabrochava uma piedade precoce e exemplar, contudo a pequena não se afastava da convivência das amigas. A oeste de Domrémy havia um capão de carvalhos que mais tarde ficou célebre pelas profecias acima mencionadas. Junto do capão havia uma fonte e não longe dela, uma grande faia. Ali a menina se divertia, fazendo coroas de flôres que pendurava na faia, e cantava e dançava até a noite. Quem a distinguiria das outras meninas?

Aquelas árvores e à fonte ligavam-se lendas de fadas e forças mágicas. Joana conhecia-as bem e foi interrogada demoradamente sobre elas no processo condenatório. Mas podia sem-

pre afirmar que não dera nunca fé àquelas lendas nem procurara efeitos mágicos.

Aos poucos, sem quase o notar, Joana começava a diferenciarse das outras crianças. Sua piedade aprofundava-se. Tornou-se solitária e cuidava com desvêlo dos afazeres domésticos. Mais tarde declarou com certo orgulho não haver mulher em Rouen, cidade do processo, que lhe levasse a melhor na arte de costura. Não praguejava. Ocasionalmente cuidava com especial carinho dos doentes. "Era admiravelmente boa", disse dela mais tarde Hauviette, sua melhor amiga, e na sua velhice o vigário de Domrémy recorda-se que "nunca viu nem teve em sua paróquia menina melhor". Este testemunho do velho cura de almas é relatado na bula de canonização que também menciona a rara virtude de Joana, quando tinha apenas 12 anos, ainda não agraciada pelas "vozes", que ouviria no ano seguinte.

Esses anos de juventude não passaram sem aflição. Eram os piores anos da guerra. Os habitantes de Domrémy estavam sempre prontos para se refugiarem com famílias e gado num castelo que se elevava numa ilha do rio Mosa, fronteiro à Lorena e à Campanha.

Certa vez, quando Joana tinha catorze anos, o povoado foi inopinadamente atacado por salteadores. Todo o gado e muitos bens foram roubados. Provavelmente houve mortos entre os habitantes. A menina aprendeu cedo a conhecer lutas sangrentas. Não passarão muitos anos e, apesar de ser do sexo frágil, ela própria participará dos horrores da guerra.

Joana era menina comum e nada de extraordinário aparecia nela. Era sadia, robusta, e sua agilidade corporal causava admiração. "Por vêzes a víamos correr tão depressa que nem parecia tocar o solo com os pés", disse mais tarde uma amiga. Dotada de mente sadia e equilibrada, aborrecia tudo o que lembrava magia e superstição. Mais tarde, no processo, seus depoimentos claros e suas saídas espirituosas revelam memória rara e feliz, grande inteligência e, em especial, juízo são, sem qualquer vestígio de alucinação e histeria. Mas precisamente esta aldeã, simples e ignorante, teria experiências sobrenaturais que até hoje não tiveram repetição.

AS VOZES DO CÉU

Joana tinha 13 anos quando, num dia que a história nunca fixou, ouviu uma voz "divina, boa e nobre", que não saía de boca humana. Eram 12 horas. Dia de verão. A menina achava-se sôzinha no jardim da casa paterna. A voz vinha da direita,

do lado da igreja e estava acompanhada de viva luz. A voz lhe recomendou de atender bem a si mesma e de frequentar diligentemente a igreja.

A menina, desprevenida, estava profundamente assustada. Nos dias seguintes a voz voltou. Na terceira vez Joana soube que era o arcanjo São Miguel que lhe falava, o príncipe dos exércitos celestes, o padroeiro da casa Valois, reinante, e da própria França.

O poderoso arcanjo não se restringiu a ser "voz". Mostrou-se também visivelmente à menina agraciada, que o contemplava com indizível prazer. O príncipe do céu estava rodeado de muitos outros anjos. "Eu os via com meus próprios olhos tão distintamente como vos vejo. E quando desapareciam, chorava, e teria desejado que me tivessem levado consigo", disse ela mais tarde a seus juizes em Rouen. — Foi exclusivamente naquele processo que Joana declarou ter visto aparições. Em outras ocasiões se referia só às "suas vozes", o que faz supor que S. Miguel e mais tarde as santas mártires lhe falavam geralmente sem tomar aparência visível.

O primeiro desconsôlo em breve se desfez, porque a aparição não mais a abandonava. Voltava frequentemente, duas ou três vezes por semana. Pouco depois o arcanjo se fêz acompanhar e finalmente substituir por Santa Catarina e Santa Margarida. Eram aparições majestosas, com ricas coroas na cabeça. Joana via-as, tocava e sentia a fragrância que espalhavam, mas em geral referia-se a elas só como a "vozes" que ouvia, "suas vozes". Sabia que eram virgens e mártires, mas o que não podia imaginar era a razão por que Deus as escolhera para esta missão: seriam guias e protetoras da virgem e mártir Joana, futura salvadora e santa ideal da França católica.

A partir daqueles dias começou para Joana uma vida nova, misteriosa, reclusa no seu interior. O mundo exterior ia perdendo suas atrações. Mais e mais se concentrava em si mesma. Com seriedade e constância tratava de executar os conselhos que recebia. Retraía-se dos homens. As "vozes" visitavam-na no jardim, no silêncio do mato, perto da fonte... As vezes esperava em vão, mas elas reapareciam quando tocavam os sinos da paróquia, cujos sons sagrados a tornavam surda para o ruído do mundo e os surtos rebeldes da própria natureza.

Os contrerrâneos viam com estranheza os hábitos inusitados da simples camponesa. Que retraimento, que frequência de visitas à igreja, que concentração extática!

Os vizinhos troçavam dela, e ela corava. O vigário achou que se confessava vêzes demais. As amigas riam dela. Não compreendiam que a menina, que antes dançava com elas debaixo da grande faia, aborrecesse agora os inocentes divertimentos. Joana aturava as mofas, mas depois chorava por se ver abandonada. Sem o saber, entrava na escola espiritual que enrijeceria seu caráter. No silêncio e autodomínio preparava-se a heroína. Esta vida de amadurecimento interior durou cinco anos.

Enquanto os coetâneos viviam obedecendo aos impulsos quase inconscientes da natureza, em Joana despertava e crescia um esforço consciente por se tornar digna da predileção divina. Sem ninguém o exigir, fêz voto de castidade para todo o tempo que a Deus aprouvesse.

Sabia perfeitamente o que significava seu voto. Quando, mais tarde, estava em meio da soldadesca licenciosa, mostrava-se consciente de todos os perigos que lhe ameaçavam a castidade. Deus a preparou pelo santo voto, que ela guardou herôicamente até a morte. Pureza é o primeiro requisito para um escolhido de Deus. Este grande privilégio de Joana valeu-lhe até a estima dos seus amigos celestiais, que a chamavam com respeito: Virgem, Serva de Deus, Filha de Deus.

O CHAMAMENTO

Em Domrémy, à direita do rio Mosa, os habitantes eram fiéis ao rei. Mas no outro lado do rio prevalecia a simpatia pela Borgonha, aliada aos ingleses. A gurizada não se contentava com sentimentos. Travavam-se lutas entre regalistas e borguinhões. Joana via por vêzes seus camaradas voltar da luta, contundidos e sangrentos. Ela não participava desta pseudo-guerra, mas sua alma patriótica sofria com as notícias que ouvia da boca do pai e dos vizinhos: a traição do Duque de Borgonha, as conquistas dos ingleses, a impotência do príncipe herdeiro, o Dauphin abandonado, renegado, traído pela própria mãe. Não haverá salvação para a França?

Certo dia as vozes, tão familiares, mudaram de tom. Atônita, ela ouviu as palavras: "Filha de Deus, debes sair da tua aldeia e ir para a França".

Passaram momentos de estupor. Tendo finalmente compreendido o sentido das palavras ela respondeu: "Mas eu sou uma pobre menina que não sabe andar a cavalo, nem travar batalhas!" Mas as vozes insistiam. A partir daquele dia elas repetiam

sempre a ordem, variando os termos. As intimações tornavam-se mais peremptórias: "Toma tua bandeira que o Rei dos céus te dá, toma-a corajosamente, e Deus te ajudará!" Em outra ocasião ouviu dizer: "Filha de Deus, vai, vai, vai! Eu serei teu auxílio. Vai!"

Finalmente ela ouviu a explicação clara da sua missão! "Filha de Deus, debes conduzir o "Dauphin" a Reims, para que seja coroado segundo o rito tradicional!" — "Deves ir para a França e não podes ficar onde estás! Deves levantar o cerco de Orléans".

Decisivas foram as palavras seguintes: "Filha de Deus, debes ir ao capitão Robert de Baudricourt na cidade de Vaucouleurs; ele te dará homens que te levarão ao Dauphin".

Joana d'Arc tinha 18 anos. Era uma moça enérgica e robusta. Aos pais não ousava falar da sua missão. O pai tinha alguma suspeita, mostrava-se exaltado e ameaçava afogar a filha antes de lhe permitir trato com a soldadesca. Mas o segredo não podia ser guardado sempre. Ela achou confidente num tio que lhe deu fé e a conduziu a Vaucouleurs. Joana teve uma entrevista com o capitão, que, furioso e com palavras quase indecorosas, a mandou voltar para casa.

As vozes reanimaram a moça decepcionada. Afoitamente voltou uma segunda vez a Vaucouleurs, apresentou-se ao capitão e — como refere Petitot — certo dia lhe comunicou que o rei acabava de sofrer um grande prejuízo. Alguns dias mais tarde veio a confirmação. O exército do rei fôra derrotado pelos ingleses. Robert de Baudricourt estava abalado. Aconteceu o inesperado. Ele consentiu nos planos de Joana.

Entretanto talvez mandara mensagem à corte real e ficara impressionado com os boatos proféticos. Joana repetia: "Não sabia da profecia de que a França seria arruinada por uma mulher (a rainha-mãe) e restituída por outra?"

Aos 13 de fevereiro de 1429 a camponêsa de Domrémy montou a cavalo trajada de homem, com armadura, espada e lança. Seis homens tinham ordem de a acompanhar. Baudricourt os fez jurar de a proteger do melhor modo possível. E Robert disse a Joana quando encetou caminho: "Anda! Vá agora tudo como quizeres!" (Atas do processo).

A confiança do comandante era pouca, mas em algumas semanas esta moça desconhecida espantará o mundo inteiro.

Veremos mais tarde que os juízes fizeram acusação dos trajes masculinos que Joana revestia desde a partida. Ela afirmava ter obedecido às ordens de Deus! "Se Deus me disse que puses-

se trajes de homem e os trouxesse constantemente, sua ordem tem relação com a necessidade de manejar as mesmas armas como homens". E ainda mais claro: "Quando estou trajada como homem entre homens, eles não terão desejos de mim, e creio que poderei em pensamentos e ações guardar melhor a minha virgindade".

Vemos que a môça conhecia os perigos, mas mostrava uma resolução tão decidida de ser inviolável que os rudes homens de guerra eram como instintivamente afastados dêste ser extraordinário. Expressamente o confessa um dos companheiros dos primeiros dias, Bertrand de Poulengy: "Já por causa da virtude que nela supunha, não teria ousado fazer-lhe uma proposta inconveniente". Ela conseguiu guardar ilibado seu voto de castidade.

O nobre Dunois, o "Bastardo de Orléans", tio do Dauphin, que tratou com ela durante meses, atestou não crer que alguma mulher pudesse ser mais casta do que "La Pucelle" (donzela ou virgem). Isso lhe parecia tão estranho que o atribuiu a uma intervenção divina. Talvez o mesmo Dunois tivesse ouvido o que acontecera a Joana logo no princípio da carreira militar. Um soldado saudou-a com as seguintes palavras: "Não é esta a pretensa virgem? Se eu a tivesse uma só noite, com Deus, ela não seria mais virgem, é o que posso prometer".

Joana ouviu esta saudação. Fixou o homem: "Blasfemas contra Deus, morrerás em breve". Em menos de uma hora o homem caiu na água e se afogou.

NA CÔRTE REAL

Durante 11 dias a futura salvadora da França viajou por regiões ocupadas pelo inimigo para se apresentar ao rei. Guiada e animada por suas "vozes", ela ia confiante, completamente convencida do sucesso. "Passou maravilhosamente", como testemunhas informaram o rei, os rios Marne, Seine, Yonne e finalmente o Loire.

Carlos VII residia em Chinon. Quando Joana chegou a Fierbois, trinta quilômetros da residência real, mandou Colet de Vienne levar ao rei a mensagem da sua vinda e pedir a licença de o visitar.

As vozes não deixavam de animar a jovem todos os dias, desde que partira para o futuro incerto: "Vai confiada! Quando estiveres diante do rei, êle terá um sinal para te receber e acreditar em ti".

Mais tarde no processo ela declarou ter avisado ao rei que o reconheceria entre os outros gentis-homens. Quando finalmente Carlos VII consentiu em recebê-la, estavam presentes mais de trezentos nobres. Cinquenta tochas iluminavam a imensa sala. Talvez a simples camponesa estivesse um momento deslumbrada. Mas avançou com segurança. Perto do trono parara o conde de Clermont, ricamente vestido. Mas Joana declarou: "Não é o rei". Apontaram outro. A mesma resposta. Só agora Carlos VII entrou na sala. Joana viu-o, fez reverência e disse: "Deus vos dê boa vida, gentil Dauphin". Ele apontou o conde de Clermont, mas Joana insistiu sem duvidar: "Em nome de Deus, gentil príncipe, vós o sois e ninguém mais".

Revelou em seguida ao rei um segredo "que ninguém no mundo podia saber". Afirmou que vinha por ordem divina para levantar o sítio de Orléans, levar o Dauphin a Reims e coroá-lo ali, expulsar os ingleses e libertar do cativeiro inglês o Duque de Orléans. Instruída pelas vozes, falava com absoluta segurança. Mais tarde tudo se realizou.

Estava presente na corte também o Duque de Alençon a quem ela se impôs menos pelo sobrenatural do que por suas qualidades físicas. Ele conta: "Depois do almôço o rei foi passear nos prados. Ali Joana corria com a lança, e quando (o duque) viu com que habilidade ela manejava a arma e como saltava, doou-lhe um cavalo". Vemos neste episódio pintado ao vivo a mulher extraordinária, tão diferente das damas dos salões, exuberante de força e dinamismo, preparando-se para os combates. Nunca aparecera na corte pessoa semelhante, capaz de desafiar qualquer homem de armas.

Os rudes cavaleiros, apreciadores da agilidade e força física, ficavam cativados e tornavam-se seus constantes admiradores e fiéis partidários.

O mesmo Duque de Alençon, que a admirara nos seus exercícios guerreiros, conta também que Joana ficava impaciente por causa das demoras e dizia ao rei que se apressasse, aproveitasse o momento oportuno enquanto era tempo, por que ela não queria ficar mais de um ano.

Naqueles mesmos dias aconteceu ainda um fato memorável. Aparecendo diante do rei, Joana estava cingida de uma espada que recebera em Vaucouleurs. Estando, porém, em Tours ou Chinon, as vozes avisaram que na igreja de Sainte-Catherine de Fierbois, diante do altar, estava enterrada uma espada. Mandou escrever aos clérigos daquela cidade pedindo cedessem-lhe aquela espada. Ela logo foi encontrada, coberta de ferrugem e marcada

com cinco cruzes. A ferrugem saiu facilmente. Os clérigos acrescentaram uma bainha e mandaram a arma a quem a descobrira. Joana confessou que estimava muito aquela espada por ter sido descoberta na igreja de Santa Catarina que ela tanto venerava.

Todos êstes acontecimentos ficavam públicos e falavam poderosamente a favor da missão divina. Mas os tempos eram incertos e pelo país andavam mais homens e mulheres que pretendiam ser mensageiros de Deus. Sem dúvida o rei, e mais ainda seus conselheiros, queriam certificar-se melhor e sujeitaram a vidente a vários exames.

Não teria origem diabólica o extraordinário que envolvia os atos da mulher repentinamente surgida do anonimato? Certo dia um sacerdote aproximou-se dela, aspergiu-a com água benta e rezou as orações do exorcismo. Quando Joana compreendeu o sentido da ação, ficou indignada, lamentando em particular que assim fôsse suspeita para um padre que bem a conhecia.

Tão pouco como os motivos do exorcismo, a môça, sem conhecimento do mundo, compreendeu a razão dos interrogatórios a que a submetiam. Foi levada à universidade de Poitiers. O Arcebispo de Chartres e mais tarde de Reims foi nomeado chefe de uma comissão de inquérito integrada por teólogos de renome. Joana estava impaciente, pensando no precioso tempo perdido para pronta libertação de Orléans. Mais tarde porém elle poderá defender sua causa, apoiando-se nos pareceres favoráveis de Poitiers. A prudente e cautelosa investigação contribui até o dia de hoje para o reconhecimento e estima da vidente. Infelizmente as atas estão desaparecidas. Mas o veredito final de homens sérios e honrados foi laudatório.

A história conservou algumas respostas de Joana. Revelam o juízo sã e a concepção clara de uma mentalidade alheia a toda a sentimentalidade e falso misticismo.

"Se Deus quer salvar a França, perguntou alguém, não pode fazê-lo também sem exércitos?" Admirável a resposta: "Em nome de Deus! Lutem os soldados, e Deus lhes dará a vitória!"

O dominicano Séguin insistiu: "Deus manifestamente não quer que te demos íê, porque não te acredita por milagres. Como podes exigir que o rei te ponha à ponta de um exército, só por tu afirmares ser enviada de Deus?" — "Não vim a Poitiers para fazer milagres. Levem-me a Orléans e provarei por sinais para que eu vim cá!"

Joana acreditava nas suas vozes, convencida que por elas o próprio Deus a dirigia. Perguntaram-lhe pois os teólogos se acreditava na Igreja da mesma forma como em Deus. Era uma pergunta capciosa, relacionada com outras sobre a Igreja que estavam ocasionando heresias e dissidências. Joana não respondeu e os teólogos eram suficientemente equitativos para não exigir de uma ignorante o que superava a penetração de eminentes teólogos. Mais tarde Joana encontrará juizes menos bem intencionados.

Enquanto Joana era interrogada em Poitiers, alguns franciscanos colheram informações na sua terra natal. Também este inquérito revelou só fatos favoráveis. Ninguém a podia incriminar de superstição ou exaltação; — tivera uma adolescência irrepreensível de piedade, trabalho e caridade.

Aconteceu pois o inesperado, o inaudito: o futuro rei da França confiava seu destino a uma donzela, à "Pucelle", e dirigiu-se por seus conselhos.

A VIRGEM DE ORLÉANS

Aos 28 de abril de 1429 um pequeno exército de dois a três mil homens saía de Blois e marchava para Orléans. À sua frente vemos o Duque de Alençon e Joana d'Arc, revestida de armadura branca, presente do rei. Em breve devia seguir o grosso do exército, cerca de oito mil homens.

Que mudança! Havia poucos meses ninguém conhecia a jovem camponesa, completamente ignorante na arte militar. Agora está ela à testa de um grande exército, responsável pelas resoluções mais importantes, numa guerra decisiva para a sorte da França, oprimida desde quase um século.

Já se operara quase um milagre. Orléans estava assediada desde 1427. Carlos VII demorou mais de um ano até mandar um exército que, aos 12 de fevereiro de 1429, no mesmo dia em que Joana partiu de Vaucouleurs, foi vencido pelos ingleses. A mera aparição da virgem guerreira revivava os ânimos. Apesar das dúvidas que provocaram as declarações inauditas da jovem e das demoras causadas pelos inquéritos de Poitiers, em menos de três meses o novo exército estava em marcha.

Era unicamente o ascendente da virgem que vencera tão rapidamente todos os obstáculos.

O que acabamos de contar da partida para Orléans é o modo tradicional de encarar os fatos históricos. Na realidade, segundo Sven Stolpe, a crítica moderna dá-nos um quadro diferente, mas, em vez de deprimir, aumenta os méritos, a influ-

ência e a glória da jovem. Tudo faz crer que Joana não era chefe militar, não tinha o comando, mas, juridicamente, só acompanhava o exército a título de conselheira. Nunca se dera, nem então se queria dar a uma mulher o direito de se imiscuir em negócios de guerra e de estratégia.

Os acontecimentos que seguiram são tão estranhos que só os acreditamos por serem sólidamente documentados. Os chefes militares quase nunca faziam o que a vidente lhes recomendava e contudo era ela que no fim dirigia as operações e decidia a vitória. Ela predizia os resultados e tôdas as suas afirmações se realizavam à risca, ainda quando pareciam inverossímeis.

Joana era constantemente contrariada. Quando a vanguarda saiu de Blois, a virgem guerreira, aconselhada por suas vozes, queria avançar ao norte do rio Loire para imediatamente atacar os ingleses. Mas os chefes enganaram-na, aproveitando-se de sua ignorância, e escolheram prudentemente o lado sul onde não havia perigo de serem atacados pelos ingleses. Temiam o inimigo. O próprio Dunois, o heróico defensor de Orléans, confessou melancolicamente que certa vez duzentos ingleses tinham afugentado oito mil soldados do rei, antes de aparecer a "Pucelle" (donzela, virgem), aureolada pela missão divina para reanimar seus patrícios.

Quando Joana chegou perto de Orléans, à testa da vanguarda o comandante da cidade veio-lhe ao encontro. Ela perguntou-lhe se era Dunois, o "Bastardo de Orléans", e se fôra êle quem ordenara a marcha por êste lado do Loire, impedindo assim que ela fôsse diretamente para onde estava Talbot e os ingleses.

Dunois não podia negar. Joana, irritada, apostrofou: "Em nome de Deus! O conselho do Senhor é mais seguro e melhor do que o vosso. Pensais poder enganar-me, mas vos enganais a vós próprios, pois eu trago um auxílio mais forte que jamais um soldado ou cidade podia receber, o auxílio do Rei dos céus. E vós participareis dêste auxílio, não porque eu vos amo, mas porque Deus vos ama. São Luís e Carlos Magno pediram a Deus que não abandonasse a cidade de Orléans e não permitisse que os inimigos retivessem em seu poder o duque (de Orléans, prêso) e se apoderassem de sua cidade".

E' quase incompreensível que o amadurecido cabo de guerra, duque de sangue real, aturasse calado a amarga admoestação. Nunca ouvira tais palavras e elas não vinham de um homem e sim de um mulher quase criança ainda, com seus dezoito anos. Que dêste primeiro encontro não sáisse uma inimizade perpétua fala eloquentemente a favor do nobre guerreiro que de-

pois se tornou o mais fiel amigo e partidário da salvadora de Orléans. Manifesta-se porém com a mesma evidência a grandeza moral e autoridade irradiada por esta mulher extraordinária.

Dunois ficou calmo. Ordenou que esperassem pelo grosso do exército e convidou entretanto Joana a entrar na cidade, pois ela estava ansiosa de vê-la. A primeira resposta foi um ris-pido: "Não". Contudo teve de conformar-se com o estado das coisas e entrou na cidade. Foi recebida com um júbilo sem fim, "como se fôsse um anjo do Senhor, pois todos esperavam que ela dominasse o inimigo". Admiravam a elegância com que cavalgava. Estava revestida da armadura branca, precedida de sua bandeira, igualmente branca, onde se via Nossa Senhora, o arcanjo Gabriel e outros anjos segurando lírios. Ao lado de Joana, montado também e armado, andava o comandante Dunois. Um grande séquito de "duzentas-lanças" e mais milicianos da cidade abrilhantava a entrada. O júbilo quase não poderia ser maior se a cidade já estivesse libertada.

No dia seguinte os oficiais reuniram-se na residência de Joana. Nova discussão. Joana queria atacar imediatamente. Dunois resolveu esperar pelo exército. Nada valeram seus veementes protestos, teve de esperar. Mas era-lhe impossível permanecer inativa. Meteu-se imediatamente a reformar o moral dos soldados, como já o fizera em Blois. Uma testemunha nos fala: "Mandou has-tear no campo uma bandeira que representava Jesus crucificado. Pediu ao capelão que reunisse os soldados de manhã e de tarde ao redor desta bandeira para rezar, cantar a Salve-Rainha e intimar os soldados à conversão. Ela mesma circulava entre as linhas e falava com os soldados, perguntava se estavam conscientes de pecado mortal e enxotava do acampamento as mulheres de má vida".

Esta môça, crescida no silêncio da casa paterna, da igreja, do campo e do mato, achava-se de repente no meio de soldados rudes, licenciosos e rebeldes. Porém nada a desorientava, nem o tumulto da soldadesca e da guerra, nem o júbilo e a apoteose dos cidadãos, nem o brilho nunca visto da grande cidade. Em meio de um mar agitado ficava recolhida, sempre atenta às suas vozes sobrenaturais e guiando-se unicamente por elas. De uma firmeza irredutível, não conhecia respeito humano. Corrigia os soldados, admoestava os chefes, erguia-se contra tôdas as manifestações de impiedade e crueldade. Exortava os cidadãos a porem sua confiança em Deus, prometendo-lhes libertação dos inimigos. Muitos a visitaram, notando com admiração que ela falava só de Deus. Em Orléans e no exército operou-

se uma grande reforma da vida religiosa. Certa vez nas ruas da cidade Joana ouviu um cavaleiro proferir blasfêmias. Furiosa, ela o segurou pela nuca, exclamando que não o largaria se não desse a promessa de nunca mais proferir tais palavras. O cavaleiro, assustado, logo prometeu. Quando aparecia a armadura branca de Joana, como por encanto calavam as blasfêmias. O próprio Duque de Alençon confessou mais tarde que se continha em sua presença.

Segura da sua missão divina e da próxima derrota dos ingleses, Joana foi também às fortificações falando dali ao inimigo. Recomendou aos ingleses e ao comandante Glasdale "a entregar-se em nome de Deus para salvar suas vidas". Glasdale e sua gente deram respostas insolentes, e ameaçaram mandá-la queimar caso lhes caísse nas mãos. Chamaram-na também de meretriz e gritavam que voltasse depressa para casa e pastoreasse o gado. Divulgou-se depois a notícia de que Joana rompera em pranto e anunciara aos ingleses sua próxima derrota em que Glasdale perderia a vida.

A impaciente expectativa de Joana terminou no dia 4 de maio. Cansada de uma corrida a cavalo, deitara-se para repousar. De repente levantou-se em altos gritos. Seu amigo Jear d'Aulon perguntou assustado o que acontecera. "Minhas vozes me avisam que devo sair contra os ingleses". Depressa revestiu a armadura e correu para fora. Na rua encontrou um pajem montado a cavalo. Fê-lo apear, montou em seu lugar e a todo o galope saiu da cidade.

Os franceses tinham atacado um reduto inglês chamado Saint-Loup; mas foram infelizes, já estavam em retirada. Com furiosa energia a jovem guerreira entrou em ação. Ela, que nunca na vida participara de um combate, animou os soldados. A luta recomeçou, "o reduto foi incontinenti atacado pelos franceses e tomado de assalto com mui poucas perdas", diz o cronista. Os franceses iam massacrar todos os ingleses. Mas Joana se opôs e salvou a vida de quarenta inimigos.

O estranho é que ela não fôra avisada do ataque. Talvez prevalecesse ainda a idéia de que mulher não devia lutar. Mas não há dúvida de que foi ela que transformou a derrota em vitória. Esta sua primeira intervenção impressionou profundamente toda a cidade e o exército.

No dia 5 de maio era a festa da Ascensão. Joana avisou que não lutaria no dia santo, mas queria confessar-se e tomar a sagrada comunhão. Mandou também novo aviso aos ingleses, respondido, como na outra vez, com baixas grosserias.

A sensível menina tornou a chorar, mas fez uma declaração inesperada: "Dentro de cinco dias teremos conquistado as trincheiras inimigas e nenhum inglês permanecerá nos arredores da cidade".

Nunca se ouvira tal linguagem. As fortificações dos ingleses eram sólidas e defendidas por tropas aguerridas. O que terão pensado Dunois e os outros chefes desta moça inexperiente que ao combate preferia a oração? Joana exortou o povo e os soldados a confessar os pecados e tomar a sagrada comunhão. Foi atendida. Altas patentes do exército freqüentaram os sacramentos, a festa foi celebrada com extraordinário fervor.

Os comandantes militares não tinham pressa para realizar a profecia de Joana, nem sequer a consultaram. Fizeram seus planos, mas os acontecimentos iam ser diferentes das suas previsões. A impaciente guerreira usurpou direitos que os chefes não lhe queriam conceder e, sem experiência militar, conseguiu o que os mais experimentados não ousavam esperar. Foi ainda no dia imediato à festa da Ascensão que alguém disse desanimado: "Levaremos um mês para conquistar Les Tourelles", o reduto mais forte dos ingleses, que desde 199 dias vedava o acesso à ponte do Loire.

Os chefes hesitavam, mas as tropas, transformadas pela presença da Pucelle, ardiam em febre de combate. Um grande número reuniu-se junto ao portão do leste. Mas Gaucourt, o mais graduado da cidade, negou-se a abri-lo. Os soldados mandaram aviso à Pucelle. Imediatamente ela montou a cavalo, cavalgou ao portão, repreendeu o chefe e, sem se importar da sua oposição, mandou abrir exclamando: "Serei eu o vosso chefe!" Atravessaram o rio em botes e encontraram o primeiro fortim, Saint Jean-le-Blanc, abandonado. Incendiaram-no e levaram o ataque ao fortim seguinte Les Augustins. Mas ali o inimigo resistiu valorosamente, repelindo o assalto. A luta prolongou-se, aumentando constantemente o número de franceses que atravessavam o rio. Apareceu também Dunois e outros oficiais.

Joana não combatia pessoalmente, mas brandia seu estandarte. Os franceses voltaram ao assalto e também Les Augustins foi conquistado. Joana impediu novamente o massacre dos sobreviventes.

Restava o poderoso reduto Les Tourelles, que os pusilânimes não esperavam conquistar antes de um mês. Mas a maioria lembrava confiante a promessa da Pucelle. Ela entretanto voltou à cidade para começar o dia seguinte com a assistência à santa missa.

Amanheceu o dia 7 de maio, sábado. Apesar de informada por suas vozes que neste dia seria ferida, a intrépida guerreira foi ao combate. Saindo da cidade, Joana anunciou seu ferimento, prometendo, porém, voltar de noite pela ponte, o que seria impossível sem a conquista de Les Tourelles.

O reduto estava rodeado de um profundo fôss. Depois de o encherem com faxinas e terra, os franceses atacaram corajosamente, sendo várias vezes repelidos. Para animar os seus, também Joana subiu uma escada, mas, chegando em cima, uma flecha lhe atravessou o peito. Caiu e foi levada para trás. Depois de algum tempo levantou-se, tirou pessoalmente a flecha da ferida que foi pensada, segundo a arte de então, com azeite e toucinho, e voltou ao combate.

Sobre o que seguiu temos a narração do próprio comandante em chefe Dunois, e podemos crer que só referiu a verdade, uma vez que confessou com sinceridade também o que era menos honroso para sua pessoa. "O assalto durou desde a madrugada até as oito horas da tarde e parecia que não houvesse possibilidade de conquistar a vitória no mesmo dia. Por conseguinte a testemunha (o próprio Dunois) estava irresoluto e queria que o exército se retirasse à cidade. Aproximou-se então a Pucelle e pediu que esperasse um pouco. Montou seu cavalo e afastou-se para um vinhedo, apartada dos soldados, onde se demorou por algum tempo para rezar. Voltando, pegou imediatamente a sua bandeira e a plantou junto ao fôss da trincheira. Quando os ingleses a viram ali, animando os nossos, começaram a tremer cheios de medo. Os partidários do rei encheram-se de nova coragem, voltaram a escalar os muros e não acharam resistência. O reduto foi tomado e os ingleses que se achavam ali fugiram: todos foram mortos".

Os franceses, entusiasmados, consideraram milagroso o retumbante sucesso, com sinais convincentes de intervenção divina. O mesmo dia viu ainda a realização de duas profecias de Joana. Glasdale sofreu o castigo das baixas injúrias que proferira contra a vidente sem atender ao presságio da sua morte próxima. Armado de pesado machado de guerra, dirigia a retirada. Rodeado de vários dos mais nobres cavaleiros ingleses, achava-se êle precisamente numa ponte de madeira que ligava duas partes do reduto Les Tourelles, quando Joana o viu e admoestou em alta voz: "Glasdale, Glasdale, rende-te ao Rei dos Céus. Tu me injuriaste, mas tenho pena da tua alma e da dos teus soldados". Glasdale respondeu com novas injúrias e blasfêmias. Neste momento desabou a ponte, incendiada pelos cida-

dãos de Orléans. Os guerreiros ingleses, revestidos de suas pesadas armaduras, afogaram-se imediatamente. Joana caiu de joelhos e, chorando, rezou pelos inimigos desaparecidos.

A profecia a respeito da volta pela ponte do Loire, à noite do mesmo dia, também se cumpriu. Com a queda do bastião inglês, a ponte do Loire estava aberta, e de noite, voltaram por ela triunfantes a salvadora de Orléans e os comandantes.

O dia seguinte, 8 de maio, era a festa de São Miguel que tantas vezes inspirara a vidente de Domrémy. Agora a cidade de Orléans celebrava efetivamente sua salvação no dia da festa do poderoso arcanjo que é também o padroeiro da França. A festa é, até hoje, o grande dia de Orléans.

O mesmo dia era domingo. "Vamos à missa", disse Joana. "Deus não quer que combatamos hoje os ingleses. Serão batidos em outra ocasião. Demos graças a Deus".

Estranhamente o grosso do exército inglês assistira inativo à conquista de Les Tourelles. Talvez esperassem que o bastião resistisse aguardando reforços. As circunstâncias fazem crer que, avisada por suas vozes, a vidente previra esta inatividade. Em vista do sucesso francês e da morte de Glasdale, os ingleses retiraram-se, realizando a profecia de que em menos de cinco dias não haveria mais ingleses nos arredores da cidade.

Por toda a França difundiu-se a notícia da libertação milagrosa da cidade assediada, por intermédio de uma jovem mulher. Seu nome ficou inseparavelmente unido a este feito glorioso. A partir daquele dia era La Pucelle d'Orléans, "A Donzela ou Virgem de Orléans".

Glória sem par começou a acompanhar esta mulher única. O povo apinhava-se nas ruas para aclamá-la, beijar-lhe a mão e os vestidos, pedir a bênção que ela recusava. Os chefes militares reconheciam-lhe os méritos. Espalhavam-se boatos fantásticos. No meio desta apoteose a salvadora de Orléans operou seu maior milagre: Permaneceu a donzela humilde, modesta, despretensiosa como no tempo da infância. Raras vezes na história encontramos homens de tanta madureza e firmeza de caráter. Irradiava pureza e força. Os próprios inimigos de Joana são, contra sua vontade, as melhores testemunhas de sua perfeição. Cheios de ódio e má fé, indagaram todas as circunstâncias da sua vida íntima e pública, não achando a menor mácula no seu comportamento. Em particular a acusação de imoralidade, tão fácil de inventar na vida de uma mulher isolada no meio de soldados libertinos, nem foi levantada. As atas do processo condenatório, em que os inimigos queriam desacre-

ditar a heroína, constituem na verdade uma única prova a seu favor.

A fama da mulher militante estendia-se também à sua maestria na arte militar. Incutia verdadeiro estupor a chefes de guerra, encanecidos no serviço das armas. Seu grande amigo e admirador o Duque de Alençon disse ainda 27 anos mais tarde: "Joana era simples e jovem, mas entendia o serviço das armas. Sabia tão bem manejar uma lança, como pôr em ordem um exército e conceber um plano de ataque, em particular no que toca à artilharia. Admirava a todos que ela dispunha tudo com tal segurança e circunspecção como se tivesse guerreado desde vinte ou trinta anos".

A mesma admiração transparece nas palavras do cavaleiro Thibault d'Armagnac que participou também da libertação de Orléans: "Na disposição e direção de tropas, na ordem de batalha e animação dos homens ela se comportava como o chefe militar mais experimentado do mundo e o maior estrategista de seu tempo".

A BATALHA DE PATAY

Depois da libertação de Orléans, Joana d'Arc recomendou ao Dauphin a se fazer coroar rei em Reims, onde Clodoveu tinha sido batizado por São Remígio e onde, desde 1179, eram coroados os reis de França. A vidente obedecia às vozes de Santa Catarina e Santa Margarida que lhe falavam em nome de Deus.

A infalibilidade já comprovada das profecias de Joana garantia o sucesso. O rei, porém, e os chefes de guerra consideravam perigoso o avanço por terras sujeitas ao inimigo. Resolveram primeiro limpar toda a região do Loire, onde os ingleses ocupavam ainda três cidades: Jargeau, Meung e Beaugency.

Aos 11 de junho de 1429 o exército francês, de oito a dez mil homens, chefiado por Dunois, o Bastardo de Orléans, campearou diante de Jargeau. Propagou-se então o boato de que se aproximava o chefe inglês Falstaff, com cinco mil homens. Tal era a fama dos ingleses, principalmente do seu corpo de arqueiros, que entre os chefes franceses quase de originou um pânico. Foi Joana d'Arc que salvou a situação. Vendo a inquietação dos comandantes, assegurou-lhes que não precisavam temer os ingleses. Deus estava a favor dos franceses. Como ainda hesitassem, insistiu: "Não receeis, o momento exato sempre chegou, quando Deus o quer! Agi, e Deus agirá!"

Começou a batalha. Pedra certa esmagou o capacete de Joana e a derrubou. Mas logo se levantou, exclamando: "Amigos, amigos; sus! sus!"

Dentro de 24 horas os franceses estavam vitoriosos, conquistando a cidade e aprisionando o chefe inglês Lord Suffolk. Dois dias mais tarde assediavam Beaugency.

Em seguida deram-se cenas pitorescas.

Estava na vizinhança também o exército inglês, comandado por Talbot e Falstaff. Apesar das insistências de Joana, os franceses não ousavam atacar. Finalmente ela perguntou: "Não tendes boas esperas?"

"Para fugir?" foi a resposta. Ao que Joana, sorrindo: "Não! Mas precisaremos delas, para perseguir os ingleses fugitivos".

Também os ingleses não ousavam atacar e retiraram-se para Meung, onde pernoitaram. Esta retirada foi considerada com definitiva pela guarnição de Beaugency: Capitulou.

Por sua vez Falstaff ficou tão impressionado com a capitulação da praça forte que ordenou imediatamente a retirada para Paris. O exército francês seguiu-o. Sabemos que Joana não tinha comando, nem lhe permitiram juntar-se à vanguarda. Impaciente, via-se obrigada a seguir no grosso do exército. Nesta ocasião ela impressionou profundamente o Duque de Alençon, que mais tarde contou: "Muitos homens do rei eram tímidos... Mas Joana disse: "Em nome de Deus é preciso combatê-los; e se estivessem pendurados nas nuvens..., nós os teremos!... Estou certa da vitória".

A cavalaria francesa movimentou-se para alcançar o exército em retirada.

Quando Falstaff foi informado da presença do inimigo mandou aos arqueiros dar volta e resistir ao ataque, mas foram dispersados por um garboso ataque de cavalaria. Desorientado, o comandante da retaguarda, já meio vencido, julgou-se abandonado por Falstaff e rendeu-se. Falstaff, assustado, fugiu. Dois mil ingleses morreram quase sem resistência. Talbot foi prêso e nunca perdoou a Falstaff a fuga precipitada. Falstaff fugiu tão depressa que já no dia seguinte chegou a Corbeil, onde o Duque de Bedford, indignado com tanta covardia, lhe arrancou a ordem da jarreteira.

Foi esta a célebre batalha de Patay. A sorte da guerra parecia ter abandonado definitivamente a causa inglesa.

Dêste dia glorioso sabemos ainda um episódio de Joana. Vendo um inglês moribundo, saltou do cavalo e correu para ele. Conseguiu chamar um padre e o soldado confessou-se. Durante a confissão a guerreira, transformada em samaritana, amparou-lhe a cabeça aliviando as dores do melhor modo possível.

A COROAÇÃO DO REI EM REIMS

Quando a pastora de Domrémy abandonou sua terra natal, impelida pelas vozes sobrenaturais de São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida, estava consciente de uma dupla missão. Deus escolhera-a para libertar a cidade de Orléans e coroar em Reims o legítimo rei de França Carlos VII.

Vivendo mais no íntimo da sua alma do que no mundo agitado em redor dela, atendia às suas vozes que a guiavam com absoluta segurança. Logo depois da libertação de Orléans, vendo cumprida a primeira parte da sua missão, insistira com o príncipe herdeiro em ir a Reims.

Já vimos que não foi atendida logo. Mas depois da vitória de Patay, aproveitou novamente a ocasião para recomendar a coroação.

Parece que agora as ponderações do conselho real concordaram com as insistências da vidente. Foi resolvido marchar para Reims.

Muitos historiadores criticam esta resolução. Afirmam que teria sido mais prudente continuar a campanha tão auspiciosamente começada e conquistar a capital Paris, vencer os ingleses antes de eles receberem reforços e obrigar o Duque de Borgonha a abandonar suas manobras traiçoeiras. As críticas, porém são infundadas. Ninguém pode saber com certeza o que teria acontecido se fôssem contrariadas constantemente as recomendações que se baseavam em luzes sobrenaturais. Uma por uma as profecias se tinham realizado e já era conselho de prudência esperar o mesmo no futuro. E o futuro justificou esta atitude. O sucesso acompanhava todos os empreendimentos que se faziam segundo os conselhos de Joana.

Aos 24 de junho de 1429 o exército se pôs em marcha. Joana estava feliz. Em princípios de julho chegaram à cidade de Troyes, sujeita aos ingleses. Os cidadãos mandaram mensageiros a Reims confirmando sua lealdade à causa inglesa e prometendo resistência até a morte. Contudo seu heroísmo não era tão grande como em breve se tornou patente.

Os conselheiros do rei deliberavam o que fazer. As crônicas referem que Joana entrou na sala do conselho, dirigindo-se diretamente ao rei: "Nobre Dauphin, dai ordem de assediar imediatamente a cidade. Em nome de Deus prometo que dentro de três dias eu vos levarei para dentro da cidade de Troyes, seja por via pacífica ou pelo combate e à força, de modo que os traiçoeiros borguinhões ficarão espantados".

Joana começou logo os preparativos para o assalto, trabalhando toda a noite, "fazendo a obra de dois ou três chefes militares experimentados".

De madrugada os cidadãos reconheceram assustados a iminência do perigo e capitularam. Podia continuar a marcha para Reims. Poucos dias depois o exército chegou à vista da cidade, que não ousou resistir. Abriu as portas e recebeu honrosamente seu rei.

* * *

Aos 17 de julho de 1429 tinha chegado o grande dia da Pucelle de Orléans. O que as vozes não cessavam de lhe confirmar, o que ela prometera tantas vezes ao "gentil Dauphin", o que poucos meses atrás parecia ainda completamente impossível, agora ia ser realidade: o legítimo herdeiro do trono francês seria coroado solenemente na grandiosa catedral.

A cerimônia começou no mosteiro de Saint-Remy. Na igreja conservava-se a veneranda ampulheta que, segundo a tradição, fôra trazida do céu. Quando São Remígio batizou Clodoveu, rei dos francos, apareceu um anjo para lhe entregar aquêle vaso precioso contendo o óleo destinado à unção ritual. Afirmava a mesma lenda que o óleo nunca se esgotava.

Quatro dos mais nobres cavaleiros da França apresentavam-se à porta do santuário. Revestidos das suas ricas armaduras, cada um empunha sua própria bandeira. A porta do santuário o abade os recebe e os conduz ao altar onde, reverentemente, toma o vaso sagrado. Todos saem. Os cavaleiros montam e, acompanhando o abade portador do santo óleo, dirigem-se para a catedral. Segundo o antigo costume entram montados até o presbitério. Ali o Chanceler Regnault, Arcebispo de Chartres e Reims, deposita o vaso sagrado.

Seguindo os quatro cavaleiros entra o Dauphin e todos os vassallos presentes. O côro entoia a antifona: "O' preciosa dádiva! ó preciosa gema! que foi mandada do céu por ministério dos anjos para a unção dos reis dos francos".

São chamados os doze "Pairs" do reino. Os seis leigos todos estão ausentes, traidores da causa de seu rei. Dos eclesiásticos só respondem dois: o Arcebispo Regnault de Reims, que junto com o rei voltara do exílio, e o bispo de Châlons-sur-Marne, Jean de Sarrebourg. Outros nobres substituem os ausentes.

Por extraordinário privilégio está presente também aquela a quem unicamente se deve este dia de glória e júbilo. A humilde donzela de Domrémy, agora a pessoa mais célebre da França, aclamada pelos amigos, detestada pelos adversários,

tem o lugar de honra ao lado do rei. No meio das côres variiegadas destaca-se sua armadura branca, e acima das cabeças paira seu estandarte branco que ela segura com mão firme e imóvel durante toda a cerimônia.

Mais tarde seus juizes perguntarão por que o estandarte estava tão perto do rei. Ela responderá: "Estava junto em tantas circunstâncias difíceis que convinha estar presente também na honra".

Ajoelhado primeiro, depois em pé, o rei faz solenes juramentos de proteger a Igreja e seu povo, de lhe garantir paz e justiça. Em seguida o Duque de Alençon põe ao rei as esporas e o arma cavaleiro, dando-lhe a batida simbólica no ombro. O arcebispo dá-lhe a espada. Desembainhada e levantada pelo substituto do Connétable da França ausente, ela fica presente até o fim da coroação.

Agora começa o ato essencial da cerimônia. O arcebispo toma uma parcela do antiquíssimo óleo, endurecido no correr dos séculos e unge o rei na testa, na nuca, nas mãos, dizendo solenemente: "Unjo-te rei com o óleo santificado, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo". E então canta o cântico: "Com o óleo do céu e a água sagrada, beato Remígio santificou-o e enriqueceu com os dons do Espírito Santo ao glorioso povo dos francos e seu nobre rei".

Terminada a unção, o arcebispo levanta a coroa. Aproximam-se os Pairs e, enquanto todos a tocam, a coroa desce sobre a cabeça do rei.

Todo o povo prorrompe em interminável júbilo. A França tem novamente um rei legítimo, que simboliza sua união contra o rei estrangeiro e invasor.

Entre aqueles que homenagearam o soberano achava-se também Joana d'Arc, a Virgem de Orléans, a salvadora da França e do rei. Conta a crônica: "Quando a Pucelle viu que o rei estava coroadado, ela se ajoelhou diante dele, em presença dos nobres senhores, abraçou seus joelhos (segundo o uso do tempo), e disse entre lágrimas: "Agora cumpriu-se a vontade de Deus. Ele queria que eu levantasse o sítio de Orléans e vos levasse a Reims, para que aqui se efetuasse a santa coroação, provando que sois o verdadeiro rei e aquele a quem deve pertencer o reino".

Foi a primeira vez que lhe deu o título de rei, deixando de o nomear o Dauphin.

Ao contrário do que se lê quase tradicionalmente nas antigas biografias, o rei não se mostrou insensível e ingrato.

Enobreceu a Joana e sua família. O nome Darc foi mudado em d'Arc. O rei lhe deu um brasão altamente simbólico. Entre dois lírios (os lírios do brasão francês), uma espada sustenta a coroa da França.

A PRISÃO DE JOANA D'ARC

Joana d'Arc, a Virgem de Orléans, revestida de sua armadura guerreira, segurando o estandarte ilibado, em pé ao lado do rei da França, na suntuosa catedral de Reims — eis uma visão que perdurará pelos séculos. Foi o maior dia da sua vida, mas também o marco para um novo destino, tão diferente e oposto ao anterior, que para o compreender é até certo ponto necessário esquecer os dias de sucesso e de glória.

A França, mergulhada num torpor sem esperança, fôra salva por uma mulher, jovem e ignorante, guiada só por inspiração sobrenatural. Realizara ela as duas principais promessas, a de livrar Orléans e a de coroar o rei em Reims. Também serão cumpridas as duas outras profecias: que os ingleses seriam expulsos da França e que o Duque de Orléans voltaria do cativeiro. Mas estas realizações se farão sem a participação da guerreira vidente, quando ela já não estiver entre os vivos.

A famosa jovem, que antes da coroação do rei só ia de vitória em vitória, depois daquele dia só conheceu reveses. Exteriormente sua posição não parecia mudada. Continuava em posição de relêvo entre os chefes militares, acompanhava o exército, nas refregas agitava sua bandeira e animava os soldados: "Sus! franceses, sus! ao ataque!" O povo a aclamava. Mas as "vozes" já começavam a mudar suas comunicações e gradualmente mudava a atitude de Joana.

A guerra continuava, mas de modo estranho. Em vez de atacar o inimigo desanimado, o exército francês retirou-se para o sul, à linha do rio Loire. O que tinha acontecido?

Quando, em junho de 1429, o rei renunciou ao ataque de Paris e dirigiu seu exército para Reims, o chefe militar inglês, o Duque de Bedford, aproveitou da trégua para pedir recursos da Inglaterra. Ali estava reunido um novo exército de 3.500 homens, destinado a combater os Hussitas na Boêmia. Em vista da necessidade urgente, estas tropas foram dirigidas para a França, onde chegaram poucos dias depois da coroação de Carlos VII. Ao mesmo tempo chegou o Duque de Borgonha para renovar seus tratados traiçoeiros com os ingleses, prometendo um exército auxiliar na guerra contra seu próprio rei.

O Duque de Borgonha soube portar-se com tanta habilidade que foi nomeado regente da França, título até então conferido ao Duque de Bedford. Também começou a entabular negociações com o rei, mas tudo faz crer que de modo algum desejava reconciliação. Seu intento era contemporizar, enganando seu soberano legítimo e alcançando prolongadas tréguas.

A traição estava, portanto, tôda do lado oposto e não é preciso procurá-la entre os conselheiros do rei, como faz a literatura tradicional. O único que se pode e deve repreender ao conselho real é de não ter reconhecido o jôgo duplo do duque.

Se o Duque de Borgonha tivesse abandonado o partido inglês, a guerra estaria praticamente terminada a favor do rei. Enquanto corriam as negociações, o exército francês fêz a retirada para o sul acima mencionada. De repente, porém, voltou para o norte respondendo a um avanço ameaçador de Bedford. Mas ninguém tinha coragem de travar batalha. Foi nesta época que Joana fêz uma primeira alusão à sua morte, causando espanto ao Arcebispo Regnault, que a via pujante de vida. As santas mártires Catarina e Margarida estavam preparando para seu novo destino a colega no martírio. Em breve Joana saberá mais de seu futuro.

Aos 21 de agosto o rei concluiu um armistício com o Duque de Borgonha que devia durar até o fim do ano. O Duque podia estar satisfeito: por quatro meses não precisava fazer ações bélicas, podia esperar reforços da Inglaterra, aumentar seu próprio exército e o rei lhe garantia que renunciava a várias cidades prontas à sujeição.

Depois do ato consumado, o rei reconheceu que cometera um erro irreparável, de conseqüências funestas, patenteando sua indecisão e fraqueza. Únicamente a conquista de Paris seria capaz de reabilitá-lo diante da nação. Movimentou, pois, suas forças contra a antiga capital.

Agora foi Bedford que reagiu de um modo inesperado. Retirou-se, quase em fuga, para a Normandia. Era, sem dúvida, ainda uma manifestação do medo que a vitoriosa Virgem de Orléans incutira tanto ao chefe quanto ao exército inglês.

Por sua fuga Bedford faltou à solene promessa que dera de defender Paris. Apesar dêste abandono os cidadãos defenderam-se tenazmente, temendo as represálias do rei.

Começou o assalto da cidade que durou um dia inteiro. Pelo fim do dia Joana foi ferida por uma flecha e no mesmo tempo afrouxou o ânimo dos franceses. As vozes mandaram-na perseverar e ela, sentada na terra, admoestava os seus a continuar o

ataque. Paris devia ser conquistada. Eis que veio a ordem de se retirar. Joana resistiu desesperadamente, mas foi levada à força para trás.

No dia seguinte devia recommençar o ataque, que provavelmente teria conduzido à queda da cidade. No momento em que os soldados iam avançar, veio nova ordem de suster as ações bélicas. Ocorrera uma nova traição do Duque de Borgonha que prometia induzir os parisienses à capitulação.

Paris não se rendeu e jubilou quando o poderoso exército atacante abandonou o campo de batalha. Era pior do que uma derrota ou fuga, porque o rei ludibriado caiu no desprezo geral. Os mais fiéis vassalos abandonaram-no. Desapareceram Dunois, La Hire, o Duque de Alençon. Só Joana permaneceu na corte; e ela, que inútilmente se opusera à retirada, seria depois responsabilizada do fracasso.

O rei e La Tremoille seu principal conselheiro, ainda não reconheceram a perfídia do Duque de Borgonha, que continuava a negociar e no mesmo tempo aumentava suas forças. Só em maio de 1430 o comportamento do vassalo infiel não admitia mais dúvidas. Obstruída a via da paz, só restava a da força. Recomeçaram as ações bélicas.

Joana achava-se diante da cidade de Melun, quando as "vozes" lhe revelaram que antes da festa de São João, 24 de junho, seria aprisionada, que assim devia acontecer, que não desanimasse e que Deus lhe daria auxílio. A partir deste momento Joana participava ainda das operações bélicas, mas deixava todas as decisões aos chefes militares.

Uma fonte menos segura conta que no dia 23 de maio, em Compiègne, ela disse às crianças da cidade: "Meus bons amigos, bons meninos, traíam-me e venderam-me. Em breve serei morta. Rezai por mim a Deus; já não posso mais servir ao rei de França". No mesmo dia devia concretizar-se a tragédia.

Tratava-se de tomar à força a aldeia de Margny. Por precaução o comandante Guillaume Flavy postou um destacamento na ponte levadiça à frente da aldeia. Joana tomou parte na luta que se desenrolou auspiciosamente pela conquista do povoado. Mas os borguinhões contra-atacaram. Pânico apoderou-se dos franceses. Cada um procurou salvar-se.

Também Joana viu-se obrigada à retirada. Recuou até a ponte que encontrou erguida. Apesar da situação desesperada queria lutar. Mas a superioridade do inimigo era esmagadora. Um inimigo a tirou do cavalo.

Estava prêsa a salvadora da França.

II PARTE: A MÁRTIR

IGREJA CONTRA IGREJA?

Grande parte da extensa literatura que se ocupa com a sorte dramática de Joana d'Arc, a "Donzela ou Virgem de Orléans", a considera vítima de um "tribunal eclesiástico", ou até da própria Inquisição. Poucos anos mais tarde ela foi reabilitada por um outro "tribunal eclesiástico", e em nossos dias (9-5-1920) recebeu as honras dos altares, sendo declarada solenemente santa da Igreja Católica.

Os adversários da mesma Igreja não escondem a satisfação de mostrar a aparente incoerência de tribunais "oficiais" e contrariarem, pronunciando sentenças contraditórias, e declarando mártir aquela que foi condenada como bruxa e herege. Afir-mam ainda que também fôra a própria Igreja que executou na fogueira sua mártir. Para os bem intencionados, mas mal-informados dos fatos históricos, os mesmos processos de Joana d'Arc são causa de desorientação e escândalo.

E' portanto de suma importância considerar tôdas as circunstâncias do chamado "processo eclesiástico", seus motivos, autores, competência dos juizes, veracidade das testemunhas e das atas, legitimidade do proceder e valor jurídico da sentença.

MOTIVOS POLÍTICOS DO PROCESSO

Quando se propagou a notícia de que a libertadora de Orléans fôra aprisionada, um imenso júbilo correu pelas linhas dos ingleses e borguinhões. Informado do fato, Filipe o Bom, Duque de Borgonha, não teve um instante de repouso, montou a cavalo e correu para ver a mulher misteriosa.

Os mais satisfeitos eram os ingleses que tinham concebido um profundo ódio de grande adversária. Desde que aparecera Joana tinha mudado sua sorte. Já no primeiro encontro ela anunciara a derrota do exército inglês e a morte de Glasdale, logo depois ocorrida. Depois seguia um revés após outro. Só uma

bruxa podia prognosticar e causar tais azares. Um mêdo supersticioso apoderara-se dos soldados e dos próprios chefes. Dunois, o Bastardo de Orléans, afirmou no processo de reabilitação o seguinte: "Quando os inglêses sitiavam Orléans, Joana mandou uma carta a seu chefe Talbot, intimando simplesmente o inimigo a desistir do assédio e voltar à sua terra, no caso contrário atacaria sem tréguas e reduziria o adversário pela força. Sua carta foi levada ao senhor Talbot, e confirmou que a partir dêste momento os inglêses, dos quais antes duzentos tinham afugentado oito mil homens do rei, ficaram sem ânimo. A partir do mesmo momento quatrocentos ou quinhentos homens dos nossos enfrentavam e desarticulavam todo o exército inglêz, porque êles não ousavam mais sair de seus redutos e trincheiras".

As sucessivas derrotas fizeram crescer o ódio daquela que os desprestigiou e destruiu repentinamente as fagueiras esperanças de uma conquista completa da França. Também, como nota Pio X por ocasião da beatificação (11-4-1909), os inglêses sentiam-se profundamente humilhados pelo fato de terem sido lerrotados por uma menina.

Enquanto Joana estava nas mãos dos borguinhões, que afinal eram franceses, havia esperança de êstes aceitarem alto resgate e restituírem-na ao rei da França. Para o impedir, os inglêses pressionaram tanto e ofereceram por sua vez tão vultosa soma de dinheiro que finalmente a prisioneira lhes foi entregue.

A interminável guerra, acompanhada de complicações políticas, rebeldias de vassalos, injustiças e arbitrariedades, durezas, revoluções, massacres, rancôres e calúnias, inúmeros acontecimentos que aqui não pudemos relatar, tinham acendido as paixões. Se não tivéssemos outras provas históricas, fornecidas principalmente das atas dos processos por depoimentos fidedignos, bastaria considerar o curso dos acontecimentos para verificar que um ódio implacável perseguia a prisioneira. Não bastaria uma morte qualquer, devia ser executada pelo modo mais cruel da fogueira. Além disto seria um golpe fatal para o rei da França Carlos VII, se tôda a população fôsse inteirada de que suas vitórias eram devidas a uma bruxa, ligada ao demônio. Com o desaparecimento da autora terminariam também os sucessos e o rei desacreditado seria rapidamente vencido.

Para ser convincente e justificar a execução pela fogueira,

não bastaria um tribunal leigo, o julgamento tinha de ser proferido por um tribunal eclesiástico, pela Inquisição.

Eis os planos ingleses que foram executados fielmente. Os fatos falam sua linguagem clara. Ouçamos também algumas testemunhas.

Em maio de 1456, o médico Guillaume de la Chambre, ouvido no processo de reabilitação, depôs o seguinte: "Participei em vários dias do processo (condenatório)... Assinei, é verdade, mas eu o fiz forçado pelo Bispo de Beauvais... Fui avisado que, se não assinasse, teria vindo a Rouen para minha desgraça. Por esta razão assinei. Também proferiram ameaças contra os Mestres Lohier e Nicolas de Houpeville, que seriam afogados se negassem sua participação no processo". — Certo dia Joana teve uma doença misteriosa (envenenamento?) O médico relata: "O Cardeal da Inglaterra e o Conde de Warwick mandaram chamar-me. Apresentei-me em companhia do Mestre Guillaume Desjardins e outros médicos. O Conde de Warwick disse que Joana adoecera, conforme averiguara, e nos pediu a tratasse. Por nada do mundo o rei (inglês) queria que ela morresse de morte natural. Ao rei importava muito o caso. Comprara-a por vultosa soma, não queria que morresse, salvo por sentença judicial, queimada viva. Mandou portanto esclarecer o caso, examiná-la com diligência e curá-la". Várias pessoas que se mostraram favoráveis a Joana foram ameaçadas pelos ingleses a tal ponto que fugiram da cidade. Este ódio não esmoreceu até último dia, como ainda veremos.

Nicolas de Houpeville falou nos seguintes termos: "Joana tinha cerca de vinte anos, era ingênua e sem conhecimento do direito e não podia defender-se em semelhante processo, por constante que fôsse, pelo que muitos concluíam que ela tivesse uma assistência espiritual. — Nunca acreditei que o bispo (de Beauvais) tivesse instaurado o processo por causa do direito ou da fé, por exemplo, para reconduzir Joana ao bom caminho. Eles agiram por ódio, porque ela defendia a causa do rei. Nem acredito que o bispo tenha procedido coagido por medo, mas antes por vontade livre, embora outros tenham participado por medo ou para granjear o favor dos ingleses. O Conde de Warwick proferiu ameaças contra o dominicano Frei Ysambert de la Pierre, que assistia ao processo; disse ao monge que o mandaria lançar ao Sena se não se calasse... Creio que toda a ação contra Joana foi feita por ódio do rei da França e para o difamar. Segundo a opinião geral, todo o processo era inválido

e se cometia grave injustiça a Joana". A mesma testemunha foi presa por ter opinado também pela invalidade.

O medo dos ingleses é revelado de um modo grotesco por Jean Riquier que contou: "Ouvi do Mestre Pierre Maurice, do Mestre Nicolas Loisleur que os ingleses tinham tanto medo de Joana, que não ousavam assediar Louviers enquanto ela vivesse (no cárcere). Era preciso satisfazê-los, fazer sem demora o processo e achar motivo para a matar".

Ouçamos finalmente a própria Joana. Na sua linguagem concisa e clara disse a vários nobres franceses e ingleses que a visitaram e interpelaram na prisão: "Bem sei que os ingleses planejam matar-me, porque esperam conquistar a França depois da minha morte. Mas se eles fôsem ainda cem mil "goddams" (apelido dado aos ingleses) mais do que agora, nem mesmo assim teriam o reino". O Conde de Stafford ficou tão exaltado que puxou a espada pela metade para feri-la. Mas o Conde de Warwick o reteve.

Estavam pois bem patentes os motivos que instigavam os ingleses a exigir com tanta paixão o processo e a morte da sua maior inimiga.

O JUIZ

Os ingleses não precisaram procurar muito para achar o instrumento apropriado, ativo e dócil, para seus planos. Apareceu no cenário um personagem, que se devia tornar tristemente célebre na história, o Bispo de Beauvais, Monseigneur Pierre Cauchon. Entre seus contemporâneos não era um desconhecido. Já concentrara sobre si a atenção pública quando, em 1413, se ligou com o "patife Caboche", criminoso e demagogo, que suscitou tumultos em Paris e foi responsável por horroros carnificinas.

A exemplo de várias testemunhas no processo de reabilitação, devemos também nós "deixar a Deus o juízo sobre a consciência" d'este homem enigmático. Podemos admitir que acreditava na culpa de Joana e era movido, até certo ponto, por sentimentos religiosos. Mas não duvidava em empregar os meios mais injustos para alcançar seu fim. Ou era a ambição que o impelia? O desejo irresistível de representar em público um papel importante? Desde vários decênios era partidário da causa inglesa, confidente íntimo da corte e de Henrique VI, o rei de dez anos de idade.

Apenas ouviu da prisão de Joana d'Arc, começou uma atividade febril; nem se pode negar que agiu com habilidade.

Apresentou-se ao Duque de Borgonha, regente da França dominada pelos ingleses, com uma carta da Sorbona, a célebre universidade de Paris (donde tinham fugido para Poitiers os doutores leais). Por esta carta os doutores suplicavam ao duque entregasse a bruxa ao Bispo de Beauvais, pois ela fôra aprisionada debaixo de sua jurisdição espiritual. Receavam os doutores da universidade que o príncipe do inferno pudesse, pela intervenção de homens mal-informados, inimigos e adversários do duque, conseguir talvez libertar sua discípula. De modo algum o nome cristianíssimo da Casa Francesa devia ser exposto a semelhante desonra".

Outra carta dirigia o mesmo pedido a João de Luxemburgo, em cujas mãos caíra Joana.

Não bastaram meios suasórios. Na ânsia de se ver encarregado do processo, Cauchon não hesitou em comprá-lo. Ofereceu uma enorme soma (1.000 táleres e mais 300 libras de renda anual), para que Joana fôsse entregue aos ingleses. Estes por sua vez retribuíram o valioso serviço e lhe confiaram a organização e direção da ação judicial. Incontinenti começou a agir.

VALOR JURÍDICO DO PROCESSO.

Para exercer a função de juiz fora da sua diocese, o Bispo de Beauvais precisava de autorização especial. Dirigiu-se ao cabido de Rouen. O Duque de Bedford apareceu na assembléa e tomou lugar entre os cônegos. Em consequência desta pressão moral a licença foi concedida "sem dificuldade". Cauchon recebeu também cartas de garantia em que os ingleses lhe prometiam a diocese de Rouen, como recompensa de um "processo bem conduzido".

Julgar Joana por crime de bruxaria e heresia competia ao tribunal da Inquisição. As leis eclesiásticas exigiam em tais processos a presença do bispo e do inquisidor. Mas o inquisidor tinha desaparecido. Tudo faz crer que êle reconheceria os fins políticos do processo e não queria ser implicado em causa injusta.

Cauchon dirigiu-se pois ao representante do inquisidor, o prior dos frades dominicanos, Jean le Maistre. Este respondeu que não tinha poderes jurídicos, nem queria agir no caso, tão pouco levantaria protesto se o bispo agisse sem sua participação.

Não há portanto a menor dúvida de que o processo, no qual Cauchon se arrogou o direito de impor a pena capital, era

desde a base ilegal, alheio ao tribunal inquisitorial, uma ação particular e arbitrária.

Cauchon, que fôra diretor da Sorbona, e tinha fama de grande sábio, estava consciente da ilegalidade. Se não o soubesse, o teria apreendido no correr do processo. Pediu ao jurisconsulto Jean Lohier inspecionasse as atas até então confeccionadas, e o homem honesto respondeu com toda a franqueza: "O processo é inválido porque não tem a forma ordinária dos processos (p. e., a falta do inquisidor); porque funciona em recinto fechado, no castelo, onde os assistentes não têm a "plena e pura" liberdade de dizer sua "pura e plena" vontade; porque está implicada a honra do rei da França, por quem Joana tomou partido, e ele não foi citado a comparecer, nem a se fazer representar; porque nenhuma informação preparatória foi feita em apoio da acusação; e finalmente porque a acusada, que é uma menina simples e ignorante, não pode responder a tantos mestres e doutôres sôbre assuntos tão elevados e principalmente no referente a suas revelações".

Cauchon estava exasperado, mas resolveu continuar o processo tão bem encaminhado".

No dia seguinte Lohier encontrou o secretário Manchon e lhe disse com admirável clarividência: "Eles a convencerão por suas próprias palavras... Ela nunca deveria declarar categoricamente que tem revelações, mas só que lhe 'parece' ouvir vozes... Mas os juizes se guiam mais por sentimentos de vingança do que por outros motivos". Enojado, Lohier desapareceu de Rouen.

Cauchon teve de ouvir ainda outros protestos. No processo de reabilitação Nicolas de Houpeville declarou: "No princípio do processo (condenatório) participei das deliberações. Defendi a opinião de que nem o bispo (de Beauvais), nem aqueles que iam assumir a responsabilidade do processo, tinham direito para isso. O proceder não era bom, porque os juizes pertenciam a um partido adversário, e Joana já fôra examinada pelo clero de Poitiers e o Arcebispo de Reims, metropolitano do Bispo de Beauvais. — Caiu sôbre mim a cólera do bispo".

Poucos dias depois, Houpeville foi prêso e internado nas prisões inglesas. Perguntando pelo motivo da detenção, apreendeu que era por ordem do Bispo de Beauvais. Por pouco não foi deportado para a Inglaterra.

O testemunho de Houpeville chama nossa atenção sôbre mais uma gravíssima deficiência jurídica da ação. O Bispo de Beauvais ousava contrariar e desacreditar seu próprio superior

eclesiástico, o Arcebispo de Reims, que já se pronunciara no caso, absolvera Joana, reconhecendo sua ortodoxia e vida irrepreensível.

OS ASSISTENTES

O processo arbitrário de Cauchon procedia sob a ficção de ser instaurado pela Inquisição. A legislação deste órgão judiciário exigia nas sessões uma assistência numerosa, que em certas regiões devia atingir o número mínimo de 32 jurados, ou juizes adjuntos. Este número vultoso nem bastava ao organizador. Para a ação espetacular que pretendia conseguiu reunir mais de sessenta testemunhas.

Cauchon dirigiu-se primeiro à Sorbona, a universidade de Paris. Ali todos os partidários do rei da França tinham desaparecido. O célebre Jean Gerson vivia no exílio em Lyon, onde dera um parecer favorável a Joana; em particular não vetara os trajes masculinos. Os doutôres remanescentes eram adeptos da causa inglesa. A universidade apressou-se a mandar para Rouen dez dos seus maiores teólogos.

Outro convite foi dirigido aos diferentes mosteiros da Normandia. Entre os monges que responderam à chamada destacou-se o Abade de Fécamp, Gilles Duremort, que provou ser um inimigo irreconciliável de Joana d'Arc.

Todos os cônegos de Rouen e numerosos sábios privados, advogados e teólogos completavam a assistência no processo de Joana, que consideramos como um dos mais escandalosos da história.

Os participantes estavam debaixo de uma pressão constante, exercida em parte pelo Bispo Cauchon de Beauvais, em parte pelos ingleses. Contra toda a equidade estavam presentes nas sessões os maiores inimigos da acusada, como o Conde de Warwick, e interferiam nas discussões.

As provas da coação nos foram fornecidas pelos depoimentos registrados nas atas do processo de reabilitação. Jean Massieu, declarou aos 12-5-1456: "Segundo minha opinião o Abade de Fécamp (que dirigia os interrogatórios), era guiado mais pelo ódio de Joana e por espírito partidário, do que pelo zelo da justiça... Sei também que o Mestre Jean Le Maistre, inquisidor (era substituto do inquisidor, como vimos), protestou e fez o possível para não participar. Foi-lhe porém declarado que sua vida estaria em perigo se não participasse do processo. Obedeceu, forçado pelos ingleses, e ele próprio me disse: Estou compreendendo, quando não se faz, nesta causa, a vontade dos ingleses, a morte não está longe".

Martin Ladvenu, o último confessor de Joana, falou nestes termos: "Tenho a impressão de que alguns só assistiam ao processo por medo dos ingleses, outros para lhes agradar... Sei também que Joana não tinha durante o processo conselheiro jurídico algum, afora pelo fim do processo. Ninguém teria ousado dar-lhe conselho ou guiá-la, por medo dos ingleses. Eu vi Joana, quando fora trazida para Rouen. Não tinha instrução. Tinha cerca de vinte anos. Sabia apenas o Pai-Nosso, mas deu respostas prudentes nos interrogatórios".

Tomando ao pé da letra certos testemunhos do segundo processo, eles parecem supor má fé em quase todos os assistentes do primeiro processo. E' duro. Preferimos admitir com o biógrafo Sven Stolpe que muitos dos participantes acreditavam realmente na culpa de Joana. Ela combatia os ingleses, e muitos franceses, como vimos, consideravam justa a sua causa.

Era a época em que a crença das bruxas obcecava os homens mais ponderados. De Joana ouviam-se boatos tão exagerados e estranhos, que só podiam, segundo a mentalidade daqueles tempos, ser interpretados como ações diabólicas, provas convincentes de que a misteriosa guerreira era uma bruxa e como tal só podia expiar seus crimes na fogueira.

Contavam que Joana teria distinguido uma hóstia sagrada de outra não consagrada. Teria desmascarado um soldado que era mulher disfarçada, acrescentando que era grávida e tinha morto um filho. Sem uso de armas teria libertado cidade após cidade. Em meio de uma refeição teria rompido em gargalhada, dizendo aos convivas atônitos: que devia alegrar-se, pois naquela hora quinhentos ingleses se teriam afogado na viagem para a França... e três dias depois teria vindo a confirmação. O próprio duque de Bedford atribuía a morte de Salisbury aos "encantamentos de uma mulher diabólica, uma discípula do demônio, sedenta de sangue, chamada a "Pucelle", que usava magia e encantamentos e assim causava a ruína de cavaleiros cristãos ingleses... Era uma herege satânica e vergonhosa..." O duque ficou exasperado vendo o medo supersticioso que se apoderava dos seus soldados causando numerosas deserções.

"As lendas descreditavam entre os partidários dos ingleses e borguinhões a salvadora da França, eram os argumentos da sua culpa e ajuntaram a lenha para sua fogueira" (Sven Stolpe).

A ACUSADA.

Poucos dias depois do aprisionamento Joana foi levada a Noyon, mais tarde a Beaurevoir, onde ouviu que ia ser entregue aos ingleses. Aterrorizada, fez uma arriscada tentativa de fuga, deixando-se cair da altura de vinte metros. Reconheceu mais tarde sua falta e confessou que as "vozes" lhe tinham desaconselhado a ação. Contudo deve-se considerar como proceder malicioso e de má fé, quando no processo interpretaram o salto desesperado para a liberdade como tentativa de suicídio. Quase por milagre ficou ilesa, mas desmaiou e foi reconduzida à prisão.

Depois da extradição aos ingleses, foi internada num castelo em Rouen. Por medo que a feiticeira pudesse escapar, vigiaram-na com extremo rigor. Três soldados ingleses estavam dia e noite no mesmo recinto, enquanto dois vigiavam diante da porta. Eram sujeitos de baixa ralé que injuriavam a prisioneira. Ela se sentia perpétuamente ameaçada por esta gente ordinária. Certa vez os guardas quiseram fazer-lhe violência. A seus gritos acorreu o Duque de Warwick, casualmente presente e impediu o ato. E' um dos crimes cometido contra a indefesa mulher, tê-la entregue a êstes homens viciados durante todo o tempo da sua prisão. Veremos que ela pode ser considerada mártir da pureza.

Ainda não bastava a vigilância de cinco guardas. Um mêm quase supersticioso de que a "bruxa" pudesse burlar qualquer vigilância induziu os carcereiros a mandar construir uma gaiol de ferro. Ela foi realmente fabricada, mas é duvidoso que Joana jamais fôsse encerrada nela. Era em troca acorrentada dia e noite nos pés, mãos e pescoço.

E' neste recinto e no mais completo abandono pelos homens, que Deus prepara sua escolhida para o martírio. Ela tinha a dupla missão, de ser a salvadora da França na luta cruenta contra os invasores e seu modelo e heroína por sua virgindade ilibada e a morte. Não são muitos os homens que compreendem a psicologia dos santos, a purificação gradual da sua alma pelo sofrimento, a entrega completa nas mãos da providência e a aceitação espontânea de uma sorte tão contrária aos sentimentos naturais. Joana sentia-se oprimida por seus pensamentos e apreensões. Estaria abandonada por Deus? Teria faltado por orgulho? As "vozes" animavam-na, dizendo que confiasse, que seria libertada por uma grande vitória; mas ao mesmo tempo falavam do seu martírio. Ela ignorava que o próprio martírio seria a vitória.

No undécimo interrogatório — ao todo houve 17 — Joana declarou: "Santa Catarina me afirmou que teria auxílio. Não sei se me libertarão da prisão, ou se haverá um tumulto que me poderá trazer a liberdade. Penso que será um ou outro. Geralmente as vozes me dizem que serei libertada por uma grande vitória, e em seguida dizem: Aceita tudo. Não tenhas medo do teu martírio, no fim entrarás no paraíso! Elas afirmam-no incondicionalmente. Eu chamo "martírio" os apertos e aflições que soffro na minha prisão, nem sei se devo soffrer ainda mais, mas confio no Senhor".

Joana tinha uma fôrça de vontade excepcional, mas, como todos os homens, receava os sofrimentos. Cautelosas, as santas mártires que falavam nas "vozes" preparavam sua êmula para o grande sacrifício. Os têrmos eram velados e até quase o último momento de vida Joana não os compreendeu completamente. Mas nos longos meses do horrível cativoiro ela cresceu, mais heróica do que nas batalhas sangrentas, e chegou finalmente à "grande vitória", compreensível só à luz da vida eterna que as vozes lhe prometiam sem restrições.

CURSO DO PROCESSO

Não se pode sem mais citar perante o tribunal um homem honesto e de boa fama. Pierre Cauchon, o "zeloso" Bispo de Beauvais, constituído juiz de Joana d'Arc, por carta de sua majestade Henrique VI, "rei da Inglaterra e da França", pediu diretivas a juristas competentes. Estes o informaram que devia começar por um processo preparatório que reunisse os pontos de acusação e justificasse o procedimento contra a acusada.

Obedecendo às diretivas, o bispo expediu observadores para recolher as informações necessárias sobre os antecedentes de Joana. Um certo Nicolas Bailly foi mandado à terra natal da acusada, donde trouxe um relatório extenso. Mas quando Cauchon o inspecionou ficou fulo de raiva. Tudo era favorável a Joana, não se achara um só que quisesse depor contra ela. O material era imprestável. O mal sucedido espião foi descomposto e despachado sem remuneração.

Com tais informações era impossível proceder. Cauchon dissimulou-as, e nunca as mencionou durante o processo. Também constatou depressa que era inviável acusar a vida moral da que todos chamavam a Virgem de Orléans. As investigações que já fizera o Arcebispo Regnault em Chinon e Poitiers, a fama que ela granjeara na sua vida pública, tôdas as informações

recebidas pelo próprio Cauchon e as diligências que ainda fêz, só patentearam o fato da incontaminada pureza da sua vítima. Ela estava tão fora de suspeita que durante todo o processo nunca se formulou acusação contrária.

Tendo fracassado no empenho de descobrir crimes, o indigno pastor de almas e improvisado juiz não recuou diante da infâmia de mandar espionar a prisioneira, para ela se comprometer por comunicações confidenciais. O principal espião foi Nicolas Loiseleur, cônego de Rouen. Um dos secretários do processo, Boisguillaume, contou mais tarde: "Mestre Nicolas Loiseleur fêz-se passar por um sapateiro da Lorena, fiel ao rei e aprisionado por seus adversários. Entrou na prisão e conjurou (pêrfidamente) a Joana de não dar fé aos clérigos. "Se lhes acreditares estarás perdida..." Muitos assessôres do processo murmuravam contra êle. De resto êste Loiseleur morreu repentinamente em Basiléia; ouvi que estava todo transtornado quando viu Joana condenada à morte. Subiu ao carro e pediu-lhe perdão... Do mesmo modo entrou na prisão o Mestre Jean d'Estivet, fingindo, como Loiseleur, ser prisioneiro... Era um sujeito mau... Ofendia gravemente Joana, chamando-a de "suja meretriz". Acho que Deus o castigou, porque acabou miseravelmente. Acharam-no morto num pombal de Rouen".

De outras testemunhas sabemos que Loiseleur trouxe saudações inventadas do rei.

O fato da espionagem era tão notório que na cidade se propagou o boato de uma "aparição" que Loiseleur teria em cenado, apresentando-se a Joana disfarçado em Santa Catarina, e conseguindo enganá-la. Sven Stolpe não exclui a possibilidade do fato. Contudo devemos rejeitá-lo. Se Joana fôsse enganada por um meio tão primitivo, teria fornecido arma poderosa aos juizes e dado uma orientação diferente ao processo.

A menina ingênua confiou realmente no espião Loiseleur e lhe falou sem constrangimento. Entretanto dois notários, sentados num aposento vizinho, junto a uma abertura da parede, anotavam tudo o que ela dizia. Quando começou o processo, Cauchon tinha sua instrução acusatória pronta.

No dia 21 de fevereiro o juiz reuniu 42 assistentes numa grande sala do mesmo castelo em que vivia o jovem rei inglês Henrique VI e sua grande adversária, a "Pucelle" de Orléans. Não sabemos se o rei jamais a viu.

Foi trazida a acusada e o processo começou. Desde o início a jovem de apenas 19 anos, completamente sem estudos, mostrou uma madureza, prudência e ponderação acima da idade.

Revelou grande agudeza de espírito. Vários ficaram tão admirados que atribuíam suas respostas a uma inspiração sobrenatural. Soube responder satisfatoriamente e sem se comprometer às perguntas mais capciosas e insidiosas de abalizados doutôres. Se tivesse mais experiência nos negócios forenses, poderia desvendar toda a falta de legalidade e sustar a ação.

Ela começou por exigir que entre seus juizes houvesse também partidários do rei. A exigência era justa. Infelizmente ela não insistiu e o juiz supremo, Cauchon, não respondeu, nem permitiu que o fato fosse registado nas atas.

Joana negou-se também a fazer incondicionalmente o juramento de dizer toda a verdade sobre o que lhe pudessem perguntar e sustentou em várias sessões discussão com o juiz. Jurou dizer toda a verdade em matéria do processo.

Já na primeira sessão originou-se um tumulto em consequência de umas respostas decididas de Joana. Os secretários não podiam mais entender as perguntas e respostas. Aconteceu então que Cauchon começou a ditar em latim. Mas o secretário Manchon negou-se a escrever. Tinha compreendido bastante para saber que a acusada respondera de modo diferente. Joana tinha razão quando, na mesma sessão, fixou Cauchon e lhe disse: "Eu sei que sois meu inimigo".

Manchon, por sua vez, conservou sua honradez até o fim do processo. No fim do segundo interrogatório Cauchon quis "corrigir" os protocolos. Manchon se opôs. Joana foi chamada e constatou-se que o protocolo estava certo. Em cinco dias seguidos o juiz fez a mesma tentativa de falsificação.

Na terceira sessão a jovem elevou-se a uma altura quase sobrenatural. Em presença de 63 assistentes ela apostrofou o bispo: "Eu vim de Deus e não tenho nada a fazer aqui. Mandai-me de volta a Deus que me mandou!" E mais uma vez: "A voz me mandou responder afoitamente... Vós dizeis que sois meu juiz. Precatai-vos no que fazeis, porque em verdade eu sou enviada por Deus e vós vos expondes a um grande perigo". Mais tarde ela tornará a lembrar o castigo de Deus.

Quem lê as atas dos inquéritos não sabe se deve mais estranhar as perguntas tão difíceis dirigidas a uma ignorante, ou admirar as respostas tão sisudas da moça. Certa vez o juiz de instrução perguntou: "Sabes se estás em estado de graça?"

Isso era demais! Um dos assistentes exclamou: "Semelhante pergunta não deve ser dirigida à menina".

Cauchon berrou com furor: "Silêncio!"

Joana respondeu: "Se não estiver em estado de graça, peço a Deus me restitua nêle; mas se estiver em estado de graça, peço a Deus nêle me conserve".

Admirável resposta! Ela evitou de se arrogar uma ciência que só compete a Deus. Ninguém a podia incriminar (embora depois o fizessem mentirosamente). Ao mesmo tempo patenteou uma consciência tranqüila, confiante em Deus. Com o mesmo acêrto acrescentou: "Se não estivesse em estado de graça, penso que a "voz" não voltaria a mim".

Joana foi sujeita a seis interrogatórios públicos, em que a assistência variava entre 42 e 62 juizes-adjuntos. Depois seguiram ainda onze interrogatórios suplementares, no cárcere, com a presença de poucas testemunhas. Cada sessão durava várias horas.

As perguntas choviam sôbre a pobre menina: Se participara de ações supersticiosas; se curara doentes com seus anéis; quando, como, onde lhe falavam as "vozes"; como eram vestidos os santos que apareciam; se Deus odiava os inglêses; se Deus lhe mandava odiar os borguinhões; por que usava trajes d'homens; se não estava consciente de pecado mortal por ter atacado Paris em dia de festa, ter saltado da alta torre, trazido roupa de homem, ter consentido na execução de um malfeitor?..

Finalmente o juiz de instrução começou a perguntar se Joana sujeitava suas palavras e obras, fôsem boas ou más, à decisão da Santa Mãe Igreja. Logo percebeu que abordara um assunto em que podia encabular e enredar a ignorante jovem. Tratava-se das questões mais difíceis da doutrina e disciplina eclesiástica, que provocaram a ruína de hereges apóstatas da Igreja, e geraram inúmeras controvérsias no seio da própria Igreja. Era iníquo pôr semelhantes perguntas a quem não as estudara e mais injusto ainda condená-la por respostas erradas.

Sujeitar-se à Igreja significava, nas circunstâncias dadas, sujeitar-se ao Bispo de Beauvais e seu tribunal partidário. A môça inexperiente não sabia distinguir entre a Igreja na terra e Deus que lhe falava pelas vozes. Ela se sujeitava a Deus, não bastaria? Assim ela respondeu no oitavo interrogatório particular: "Eu apelo a Nosso Senhor que me mandou, a Nossa Senhora e todos os santos do paraíso. Parece-me que Nosso Senhor e a Igreja são a mesma coisa. E' bem simples. Por que fazeis dificuldades com isso?... Eu vim por ordem da Igreja Triunfante, a esta sujeito tôdas as minhas ações. Quanto à sujeição à Igreja Militante não posso no momento dizer mais nada".

O décimo interrogatório era curto e tinha evidentemente o

fim de fazer constar a "obstinação" da infeliz vítima de uma astúcia superior. Extraímos os seguintes tópicos:

Pergunta: "Queres sujeitar-te ao juízo da Igreja Militante (=Igreja na terra) em tudo o que disseste... em particular pelos crimes de que és acusada e tudo o que se relaciona com o processo?" (Aqui está acintosamente entrelaçado sujeição à Igreja de Deus e a um tribunal injusto, que pretendia representar a Igreja. O que poderia responder a interpelada?)

Joana: "Eu apelo à Igreja Militante, à condição de que ela não exija coisa impossível".

Pergunta: "Se a Igreja Militante te disser: Tuas visões são ilusões, fantasmagorias do demônio. Tu te sujeitas à Igreja?"

Joana: "Apelarei a Deus... O que confessei no processo, eu sei o que fiz por ordem de Deus, é-me impossível fazer o contrário. Se a Igreja Militante mo ordenasse, não apelaria a nenhum homem na terra, mas só a Deus, cuja vontade sempre cumpri". (Joana nem vislumbrou a possibilidade de ser enganada pelas vozes, nem a necessidade de que haja também na terra uma autoridade que possa julgar semelhantes revelações).

Pergunta: "Não crês que te deves sujeitar à Igreja na terra, ao Santo Padre o Papa, aos cardeais, arcebispos e outros prelados da Igreja?"

Joana: "Sim. Mas devo primeiro obedecer a Deus". Alguns dias mais tarde ela disse também: "Levai-me ao Papa e lhe responderei".

Estas difíceis perguntas sobre a Igreja foram tratadas no último interrogatório, aos 31 de março. As respostas parcialmente erradas constituem a única culpa que se pode atribuir à acusada. Até que ponto se faltou à equidade em frente a uma iletrada, podemos inferir do procedimento de um bispo que teve que pedir esclarecimentos a um teólogo para opinar sobre questões do processo, propostas a Joana. Acontecia o que previra o jurisconsulto Lohier: os doutores em lei iam condenar a ignorante por suas próprias palavras. Mas o proceder tão monstruosamente inequívoco, era também formalmente injusto, o que se patenteou mais tarde, quando o processo de reabilitação revelou os segredos das sessões, realizadas em recinto ilegal. A injustiça, como veremos, consistia no fato de Joana se ter sujeitado expressamente à Igreja e o tribunal não o ter tomado em consideração.

Já no dia 27 de março, Tomás de Coucelles tinha começado uma leitura com a constatação de que o tribunal tinha completa competência. Joana respondeu que se subordinava ao Santo

Padre em Roma, mas exigia também ser-lhe apresentada. Nunca se sujeitaria a seus inimigos.

Neste momento o dominicano Ysambert lhe segredou para se sujeitar ao concílio universal. Joana perguntou o que era um concílio universal. O frade lho explicou rapidamente e Joana, elevando a voz, exigiu ser apresentada ao concílio de Basiléia, reunido precisamente naquele tempo.

Fora de si de cólera, Cauchon ordenou ao secretário a omitir estas palavras, a que Joana contestou: "Por que só notais o que é contra mim e não também o que é em meu favor?"

As apelações de Joana ao Papa e ao concílio continham implicitamente a sujeição à Igreja e invalidavam juridicamente a sentença do tribunal informe.

Na tarde do mesmo dia Joana foi visitada na prisão por Jean de la Fontaine, Ysambert de la Pierre e Jean Duval. Avisaram: Não acredites que este tribunal represente a Igreja Militante. A única forma legal na tua causa é o concílio, o único a quem tens de reconhecer como autoridade é o Papa... Durante a conversa Warwick irrompeu na prisão. Notara o auxílio que Ysambert prestara a Joana na sessão. Furibundo ameaçou de o mandar lançar ao Sena. Os visitantes fugiram apavorados.

A ACUSAÇÃO

Depois dos intermináveis interrogatórios o bispo-juiz devia formular a acusação. A tarefa era complicada. Para não assumir tôda a responsabilidade, êle procurou pronunciamentos favoráveis à condenação. As atas dos interrogatórios eram imprescrutíveis para este fim. Elas revelavam com demasiada clareza a completa falta de culpa. Promulgá-las significaria criar um clima de benevolência e estima para Joana.

Cauchon redigiu uma longa acusação de 70 pontos, 70 crimes que, com seus cúmplices, tinha descoberto na vida da acusada. Quem compara nas atas as verdadeiras respostas de Joana com esta composição fica estupefado: "Joana teria feito muitos atos de magia e bruxaria; tratado com demônios e fadas desde a infância; procurado fortuna com a raiz mandrágora (Joana negara todos estes fatos e não houvera uma única testemunha das acusações); teria afirmado heresias; citado diante do tribunal um homem que não queria casar com ela (o caso era exatamente o contrário: o homem a quisera obrigar ao casamento); aceito trajes masculinos contrariando a lei divina; descoberto em Fierbois uma espada, ajudada pelos demônios; afir-

mado ter derramado sangue por ordem divina (ela nunca ferira pessoalmente um inimigo); feito falsas profecias; afirmado atrevidamente estar em estado de graça; cometido tentativa de suicídio; blasfemado contra Deus; escrito ao Duque de Bedford uma carta inspirada pelos demônios; estado aliada a demônios que chamava anjos; atacado Paris em dia de festa; gotejado cêra nas cabeças de crianças para predizer o futuro; recusado a sujeição à Igreja Militante (nesta altura Joana exclamou, quando lhe fizeram a leitura dos 70 pontos: "Não! Eu respeito e estimo de coração a Igreja Militante. Apelo ao Santo Padre o Papa e ao santo concílio!" — Cauchon vociferou...)

O bispo não se pejou de inserir no documento como crimes provados as acusações de uma mulher fraudulenta Catherine de la Rochelles, recolhendo meros boatos.

Este documento, um dos mais cínicos da história, termina com a franca e descarada mentira: que a acusada "confessou e reconheceu como verdadeiras tôdas as acusações enumeradas".

E' possível que Cauchon reconheceu deficiências nos 70 artigos e os mandou concentrar e reduzi-los a 12, todos tão aleivosos como os anteriores. Esta forma compendiária foi distribuída às autoridades da cidade, foi também enviada à Sorbona. Cauchon recebeu muitas respostas que não lhe agradaram, mas os doutôres da Sorbona acreditaram nas mentiras e mandaram três doutôres para esclarecer sua posição.

Em sessão solene, reunida aos 19 de maio, os representantes da célebre universidade aprovaram o "combate varonil, a sabedoria comprovada, a vigilância, a sagacidade do Bispo de Beauvais, que glorificava o nome de Deus e a honra da fé". Joana era condenada sem restrições.

Forte por êste apoio, Cauchon solicitou em seguida o veredito de cada um dos juizes-assistentes. Um por um se levantaram êstes instrumentos sem caráter de uma vingança política (os bem intencionados tinham fugido) e declararam-se solidários com o juízo da universidade. A sorte de Joana estava decidida.

ABJURAÇÃO

Aos 24 de maio Joana é tirada da prisão, tem de subir a um carro para ser levada ao cemitério Saint-Ouen. Ali há estrados para as autoridades, apinha-se o povo e a soldadesca inglesa. E' o dia da sentença condenatória e o povo espera ter o espetáculo sinistro de uma execução na fogueira.

O traidor Loiseleur, que Joana considera ainda como amigo, aproxima-se e lhe segreda que seria poupada se consentisse em aceitar vestidos de mulher e fizesse o que diziam os sacerdotes... em particular seria tirada da prisão inglesa e entregue à Igreja. Joana dá-lhe fé.

No cemitério começa o ato com um longo sermão, pronunciado por Guillaume Erards. Em seguida fala Cauchon, lendo a sentença. Nesta altura se origina uma confusão entre os assistentes. Volta Loiseleur com suas recomendações, um inglês pragueja contra Cauchon, este responde chamando o interpelante de mentiroso, intromete-se o Cardeal da Inglaterra... Trazem a Joana um documento de abjuração.

"Não sei o que significa abjurar", responde ela.

Tendo recebido algumas explicações, ela acrescenta: "Apelo à Igreja Universal no que devo abjurar".

Erards grita que deve abjurar imediatamente senão será queimada viva... e em voz consiliatória: "Faze o que te aconselham e serás libertada da prisão!"

Ninguém sabe o que Joana queria dizer, nem quanto compreendeu. Sem dúvida estava tão perturbada que só compreendia o perigo iminente da morte horrenda na fogueira e a salvação que se lhe oferecia, se concordasse com os graves homeres eclesiásticos que lhe prometiam liberdade, quase só sob a condição de vestir trajes femininos.

Apresentaram e leram-lhe a cédula de abjuração. Extenuada, horrorizada pela ameaça da morte, ela consente finalmente em assinar. Alguém lhe guia a mão, fazendo-a traçar seu nome: "Jehanne".

O que Joana compreendeu e assinou há de ficar um eterno mistério. A folha continha só seis linhas, por conseguinte podia só conter alguma declaração vaga que revogava seus erros, prometia sujeição à Igreja e vestir roupa feminina. Cauchon cometeu mais uma criminosa falsificação, inserindo nas atas do processo um documento de 50 linhas (contendo a confissão das inomináveis acusações, especificadas nos 12 artigos), que Joana teria assinado em Saint-Ouen. Concordamos com Petitot, a quem aqui seguimos, que o documento fraudulento teria sido rejeitado com horror por Joana, se lho tivessem apresentado. O texto era vago, Joana se dirigiu naquele momento quase exclusivamente pelas exortações, feitas de viva voz, e as promessas reiteradas de ser retirada da prisão leiga, como veremos depois.

Não haverá fogueira naquele dia. A "culpada arrependida" é trazida de volta à prisão. O povo tumultuava, uma chuva de

pedras cai sobre os estrados. Os mais furiosos são os ingleses. Acusam Cauchon e os juizes de subtrair a bruxa ao castigo merecido. Durante vários dias nenhum membro do tribunal pode mostrar-se em público sem correr risco de vida.

A RELAPSA.

Confiando nas promessas recebidas em Saint-Ouen, Joana aceitou trajes femininos e esperou ser levada a uma prisão eclesiástica, ser vigiada por uma mulher e poder assistir à santa missa. Mas foi outra vez confiada aos mesmos guardas ingleses. Estes, participando da decepção e ódio de todos seus conterrâneos, a maltrataram mais desumanamente do que nunca. Com todas as forças ela se defendeu contra agressões desonestas.

As circunstâncias fazem crer que era jôgo premeditado induzir a prisioneira a reassumir os trajes masculinos e fornecer assim ensejo para nova ação judiciária. Um ou dois dias depois da volta à prisão, os guardas esconderam os trajes femininos deixando só os proibidos. Mais tarde restituíram o vestido de mulher, para acusar Joana de má vontade, caso ela o repudiasse. Mas Joana não o aceitou por motivos que logo ouviremos.

Em breve a vítima de uma trama diabólica convenceu-se de que fora enganada. A prisão era a mesma e, segundo a sentença, devia ser eterna. As santas que lhe falavam repreendiam sua infidelidade. De repente espalhou-se a notícia de que Joana, na sua impiedade, vestia de novo trajes masculinos.

Imediatamente Cauchon foi à prisão, onde a encontrou desfigurada, ensangüentada pelos maus tratos, chorosa, cabelo raspado, trajada de homem. Era aos 28 de maio, dois dias antes da morte.

Ouçamos o último diálogo da prisioneira que, arrependida de sua fraqueza passageira, sobe ao cume do heroísmo.

Cauchon: "O que significa isso?"

Joana: "Sim, tornei a pôr os trajes masculinos, tirei os femininos".

Cauchon: "Prometeste e juraste não mais vesti-los".

Joana: "Era mais conveniente, porque estou em meio de homens. Tornei a vesti-los porque não guardastes a vossa palavra. Prometestes que eu poderia assistir à santa missa, receber o corpo de Nosso Senhor, ficar fora destas cadeias de ferro".

Cauchon: "Não abjuraste e prometeste não mais vestir esta roupa?"

Joana: "Prefiro morrer a estar em cadeias. Mas se me deixam ir à missa, me tiram as cadeias, levam a uma prisão decente em presença de uma mulher, então sujeitar-me-ei e farei o que a Igreja me mandar".

Cauchon: "Ouviste tuas vozes?"

Joana: "Sim".

Cauchon: "O que disseram?"

Joana: "Deus fez-me saber, por intermédio de Santa Catarina e Santa Margarida, a grande miséria da minha traição, em que consenti para salvar minha vida. Antes da quinta-feira (dia da abjuração) minhas vozes me anunciaram o que eu faria e naquele dia também o fiz. Elas me disseram no estrado em que estava, que respondesse destemidamente ao pregador. Mas eu o chamo um falso pregador, porque disse que eu teria feito o que não fiz".

Cauchon: "No estrado confessaste ter bazofiado mentirosamente que tuas vozes tivessem sido de Santa Catarina e Santa Margarida".

Joana: "Não o compreendi assim. Não pensei abjurar minhas aparições, quer dizer Santa Catarina e Santa Margarida. Tudo o que fiz foi por medo do fogo. O que revoguei era contrário à verdade. Prefiro fazer penitência de uma vez e morrer do que suportar mais tempo os sofrimentos da prisão. Nunca agi contra Deus nem contra a fé, embora vós me obrigásseis a revogar. Do que estava escrito no documento da abjuração não compreendi nada. Não tinha na mente revogar qualquer coisa, fora se fôsse do agrado divino. Se quiserdes tornarei a revestir os trajes femininos. Quanto ao resto, não mudarei nada".

SUPREMO SACRIFÍCIO

Saindo da última entrevista com sua vítima, Cauchon sabe que ela está perdida. Estará triste o pastor de almas de a ver "impenitente"? Com assombro constatamos que neste ser degenerado prevalece a satisfação de contentar seus fautores ingleses. Encontra um grupo deles, reunidos com o Conde de Warwick, em espera impaciente. Cheio de alegria exclama: "Farewell! Farewell! Estejam sem cuidado! Tudo em ordem!"

No dia seguinte êle reúne 42 teólogos e lhes expõe que, depois da solene retratação, Joana reassumiu os trajes proibidos. Cala acintosamente as razões, os maus tratos, as tentativas de violação (aliás também omitidas no relato da última entrevista — os fatos só se esclareceram mais tarde). Todos concordam

em que a ré é relapsa e deve ser entregue ao braço secular. Não se atende a uma única voz discordante que exige indagação pelo motivo da mudança de traje. A sentença é rápida e já no dia seguinte a inocente vítima será executada. Segundo a terminologia da Inquisição 'relapso' é um réu que abjurou seus erros, mas depois tornou a professá-los. Para um relapso não há mais clemência, é infalivelmente executado.

Cedo no dia 30 de maio do ano 1431, Joana é avisada que neste dia será queimada viva. Começa a chorar: "Oh! que me tratam tão terrível, tão cruelmente! Oh! que hoje meu corpo, que nunca degradei, deve ser consumido e reduzido a cinzas! Oh! Oh! teria preferido ser sete vezes decapitada... Oh! se só gente da Igreja e não meus inimigos me tivessem vigiado!... Diante de Deus acuso êstes guardas e os homens que lhes deram entrada aqui, por causa dos assaltos e atos de violência a que me sujeitaram... Apelo para Deus dos males e das injustiças que me fazem!"

Entra Cauchon e ela lhe diz: "Bispo, sois vós que me matais".

O bispo lhe diz que recaiu nos seus erros, mas ela contesta: "Nunca teria acontecido se me tivessem concedido prisão eclesiástica, pelo que eu apelo de vós para Deus".

"Hoje de noite espero estar no paraíso".

Joana é condenada como herege impenitente, mas ilógicamente Cauchon lhe permite confessar-se e receber a sagrada comunhão. Ele conseguiu seus fins políticos, o resto não lhe importa. Em seguida, Joana é levada à praça do mercado.

A mártir já se vê no limiar da eternidade. Reza sem interrupção:

"Santíssima Trindade, tem piedade de mim!"

"Santa Maria, rezai por mim!"

"Santa Catarina, Santa Margarida, ajudai-me!"

Lembra-se generosamente de promulgar a honra incontaminada do rei Carlos VII e — como lembra São Pio X por ocasião da beatificação (15.5.1909) — "admiravelmente forte no supremo sacrifício, pede a Deus perdoe a seus algozes e salve a pátria e o rei".

Pede a quem tenha feito mal e perdoa o mal que lhe fizeram.

"Vós sacerdotes que estais aqui, rezai cada um uma missa por mim!"

"Dai-me um crucifixo! — Um soldado inglês quebra um pau e ata os dois pedaços em cruz. Joana aceita-a. Um padre traz um crucifixo da vizinha igreja Saint-Sauveur e ela pede-lho mostre até morrer.

As cenas são tão comoventes que o próprio Cauchon e os juizes ingleses vertem lágrimas. Mas o simulacro de justiça humana continua sua farsa. Cauchon profere a sentença, concebida em termos inexoráveis e duros, que melhor quadravam na sua pessoa do que na Pucelle, e entrega a condenada às autoridades seculares. Dois oficiais apoderam-se de Joana e a levam aos juizes civis. Estes só dizem: "Levai-a à fogueira!"

A fogueira tem altura descomum. Joana sobe e é atada ao poste no meio.

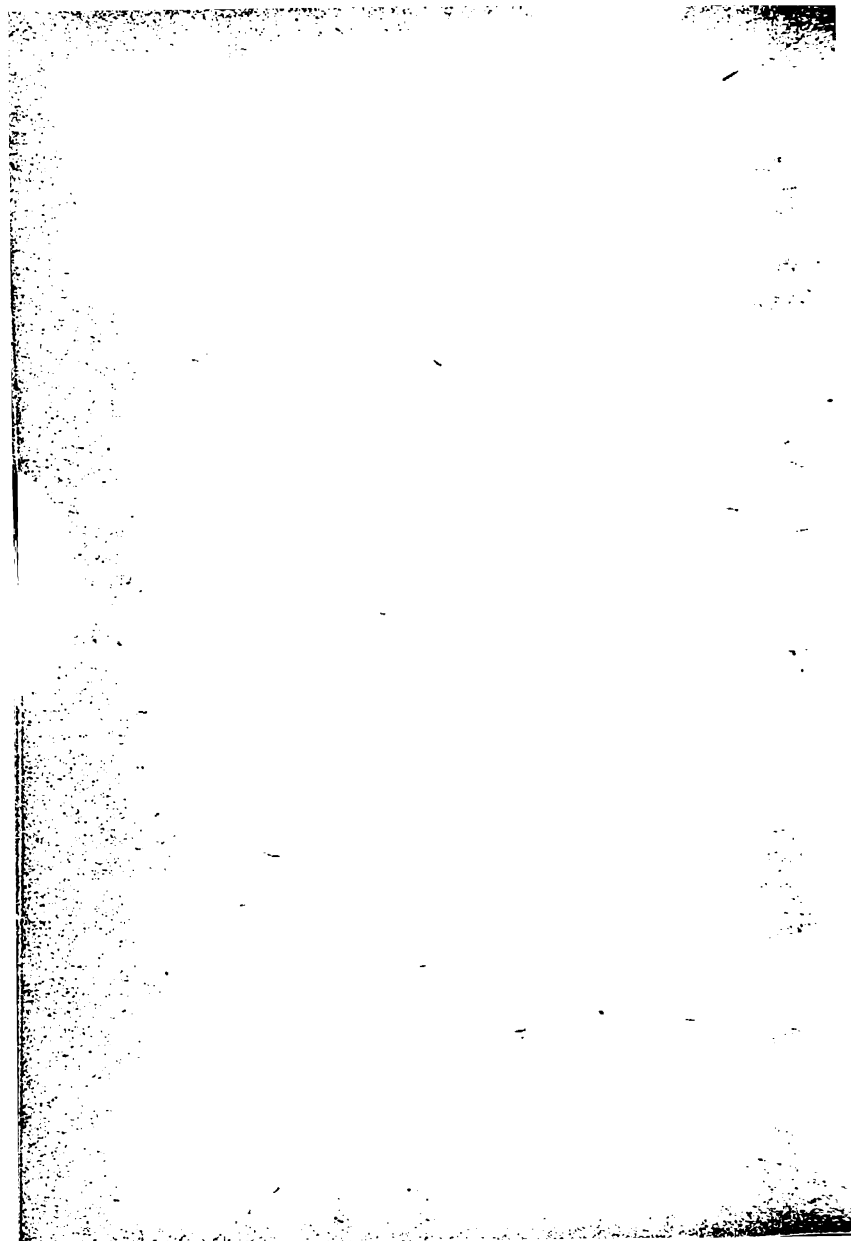
Quando o fogo a atinge, ela não grita nem se lamenta. Várias vezes exclama: "Jesus! Jesus!" Em breve o sacrificio está consumado.

* * *

Muitos se tinham retirado para não presenciar o horrendo espetáculo. O algoz estava desesperado do que fizera. Um dos juizes de Joana não cessou de repetir: "Oxalá minha alma estivesse ali, onde agora está a dela!" As cinzas de Joana foram atiradas ao rio Sena.

A cidade de Rouen conserva viva a lembrança da inocente vítima. Cada ano, no dia 30 de maio, meninas, vestidas de branco, lançam flôres ao Sena, no lugar onde elle recebeu as sagradas cinzas.

"Mas a fama de sua santidade e a recordação dos seus feitos... viveu... e viverá no futuro, com sempre renovado louvor" (Papa Pio X, 15-5-1909).



III PARTE: REABILITADA

A ATITUDE DO REI.

A prisão da Pucelle de Orléans causou estupor, excitação e tristeza entre todos os patriotas franceses. Em muitos lugares fizeram suplicações públicas por sua libertação. O Arcebispo de Embrun escreveu uma carta ao rei, recomendando examinar-se a si próprio se não tinha, por seus pecados e omissões, provocado aquêlê castigo da prisão de Joana. Conjurou o rei a não poupar dinheiro nem meios de fôrça, para livrar a virgem e salvar-lhe a vida. Se não o fizesse, o rei corria perigo de arcar com a vergonha indelével de abominável ingratidão.

A posteridade acusou Carlos VII, o "filho tarado de um pai louco", não só desta incompreensível indiferença frente à sorte da sua salvadora, mas ainda de outras faltas graves. O mais recente biógrafo de Joana d'Arc, Sven Stolpe, pretende diminuir a culpabilidade do rei, ao menos em outros setores do seu govêrno e vida particular. Mas quanto à prisão de Joana permanece o fato estranho de que não consta o menor esforço do rei pela sua libertação.

Depois da horrenda morte de Joana, a tristeza dos patriotas cedeu à indignação e vergonha em face do indizível assassinio jurídico. A opinião pública exigiria cedo ou tarde uma reabilitação. Na própria Rouen o povo apontava com os dedos os implicados no processo e externava seu repúdio.

Entretanto a salvadora da França, tão injustamente perseguida por uma parte de sua pátria, e ingratamente abandonada pela outra, resgatara com seu sangue não vingança, mas o complemento da sua missão. Ia-se cumprir sua profecia sôbre a total libertação da França do jugo inglês.

Não fôra talvez, nos planos da Providência, a morte de Joana um meio mais eficaz do que sua atividade bélica, para acordar o rei da sua inércia, recordar seu dever aos vassallos, excitar o povo ao combate?

Antes de terminados os sete anos de que falara a vidente, começou a mudar a sorte da guerra. Filipe o Bom, Duque de Borgonha, pôs fim à sua traição, desligando-se dos ingleses e tirando-lhes seu poderoso auxílio. Em 1436 também a cidade de Paris abriu as portas ao rei legítimo. Assim já se realizaram as palavras de Joana de que os ingleses iam perder mais do que diante de Orléans. Mas não pararam ali seus revezes. Reformas governamentais tinham fortalecido o poder do rei e aumentado a combatividade do seu exército. Em avanços irresistíveis as forças francesas conquistaram cidades, venceram batalhas, até aniquilar, em 1452, o último exército inglês.

Em 1449 foi reconquistada Rouen. Ruth Imhoff diz (Atas dos Processos) que o rei cavalcou pela mesma rua onde Joana fôra levada à morte, passou pela praça da fogueira, viu o castelo e a torre da prisão, e em todo o caminho seu espírito via a Pucelle, que o acompanhava e contemplava. Impossível resistir a êste aviso mudo. O rei lembrou-se do seu dever e da mesma cidade de Rouen enviou portaria a Guillaume Bouillé, reitor da universidade de Paris, ordenando-lhe investigações sobre o processo injusto que condenara sua grande benfeitora.

INTRODUÇÃO DO PROCESSO

Guillaume Bouillé agiu sem demora. Ouviu várias testemunhas. A reabilitação de Joana estava em marcha. Ela foi reativada em 1452 pelo Cardeal d'Estouteville, legado do Papa Nicolau V. O cardeal foi a Rouen e achou no dominicano Jean Bréhal um partidário apaixonado da reabilitação. Bréhal era inquisidor-mor da França e para êle a revisão do processo significava também reabilitação da Inquisição, em cujo nome fôra praticado o monstruoso crime judiciário. Em breve o inquisidor reuniu um número suficiente de testemunhos e recomendou a instrução da ação judiciária.

Em nome de quem se deveria proceder? O rei não podia figurar como acusador. Mas vivia ainda em Orléans a mãe de Joana. O próprio Papa Calixto III incumbiu esta digna senhora de requerer a introdução do processo, e ela o fêz, como dizem os historiadores, com notável energia e constância. O processo sensacional foi solenemente inaugurado aos 7-12-1455, na majestosa catedral de Notre Dame de Paris.

Ao todo foram registrados 150 depoimentos, recolhidos em diferentes lugares, principalmente em Domrémy, terra natal de Joana, Orléans, Paris e Rouen.

Notemos logo o que o biógrafo Sven Stolpe estranhamente não reconhece: a grande diferença d'êste processo do anterior. Num proceder criminosamente injusto e ilegal, o primeiro processo repudiara tôdas as testemunhas honestas e procurara ardidamente inculpar a acusada ignorante por suas próprias respostas. Neste segundo processo, a acusada nem podia ser ouvida, mas ouviam-se tôdas as pessoas prontas a depor, também as contrárias a Joana. Tôdas eram livres e prestaram depoimentos sob fé de juramento. Assim graças a êste proceder consciencioso possuímos tão ricas e seguras informações sôbre acontecimentos que ocorreram numa época em que o senso crítico dos cronistas mal distinguia entre verdade e ficção.

Um dos primeiros atos da comissão encarregada do processo foi o convite dirigido ao "partido acusado". Em sessão de 20-12-1455, foi lida a seguinte declaração de Jacques de Rivel, sobrinho do Bispo Pierre Cauchon: "... Em meu nome e no dos mais herdeiros e procuradores do falecido Mestre Pierre Cauchon, Bispo de Beauvais, declaro que não penso estar interessado na causa, e que não tenho a intenção de defender a justiça do processo condenatório, nem os julgamentos que ocasionou... Se Joana fôsse do partido adversário (in-glês), nunca teria sido entregue ao tribunal..."

Cautelosamente Rivel continua: "Declaro expressamente que o processo não pode prejudicar nem a mim, nem aos co-herdeiros e procuradores do falecido Bispo de Beauvais, graças à generosa anistia que foi garantida por nosso rei, desde a libertação da Normandia. Peço, senhores, que não nos citeis mais, porque é nossa resolução não mais comparecer".

Aos 16-2-1456 outro representante do partido adversário declarou não ter interêsse na defesa, nem se opor ao libelo (acusatório) que entretanto fôra elaborado. A partir d'êste momento não aparece mais o partido do bispo.

E' principalmente das testemunhas do segundo processo que conhecemos as qualidades extraordinárias de Joana d'Arc, que a distinguem desde a sua juventude até a morte. As declarações já foram usadas no correr da nossa narração. Resta ainda completar o quadro histórico por traços característicos, tributando honra merecida à vítima de infandas calúnias e explicar o que as manobras ardilosas do primeiro processo deixaram confuso e incompreensível. Nos depoimentos de tantos e tão diferentes observadores encontramos forçosamente algumas repetições. Reunimos os múltiplos textos escolhidos num conjunto orgânico. Seguem os depoimentos.

JUVENTUDE E ÉPOCA GUERREIRA

— Quando Joana fôra trazida a Rouen, chegou ali também um conterrâneo dela. Fôra incumbido de recolher informações na pátria dela e trouxe o resultado ao Bispo de Beauvais. Mas êste o injuriou, chamando-o de "traidor". O mesmo confessou não ter averiguado nada, não ter descoberto nada que não tivesse desejado ver na sua própria irmã (Jean Moreau).

— Soldados esconderam-se numa emboscada para se apoderarem dela... mas quando iam executar o plano, foi-lhes impossível locomover-se. Assim Joana continuou pacificamente sua viagem para o rei... (Bispo de Meaux. Tais boatos, verídicos ou não, aumentaram muito a fama de Joana).

— Eu creio que Joana foi enviada por Deus. Pensem só que o rei e seus súditos não tinham mais esperança alguma! Ao contrário todos pensavam em abandoná-lo.

— Lembro-me ainda que perguntaram a Joana por que trazia um estandarte. Respondeu que não queria usar a espada, pois não queria matar ninguém. (Prof. Seguin).

— Ela era muito frugal. Muitas vêzes comia só um pedaço de pão durante todo o dia. Nunca tomava mais de duas refeições... Na sobriedade ninguém a superou... Durante o ataque a Jargeau parei um momento num certo ponto. Joana avisou-me que saísse do lugar, apontando para uma catapulta inimiga. Afastei-me e logo depois um soldado foi morto no mesmo lugar (Duque d'Alençon).

— Disseram-lhe: Nunca se viu aventura parecida com a tua; não se lê nada de semelhante em livro algum. Ao que respondeu: "Meu Senhor (Deus) tem um livro em que nenhum clérigo jamais leu, por perfeito que seja no seu clericalato" (O confessor de Joana Jean Pasquerel).

— Todos admiravam seu recato. Caso dado sabia ser sumamente enérgica. O cavaleiro nobre Raimond Macy quis lhe tocar o peito, mas viu-se repellido com força. — Pela mesma razão um alfaiate apanhou uma sólida bofetada (R. Macy; J. Marçel).

— Repelia honras. Trouxeram imagens para ela as tocar. Joana disse rindo: Tocai vós mesmos, vossos dedos são iguais aos meus... (M. Touroulde. — No processo condenatório afirmaram mentirosamente que ela tivesse faltado por vaidade e orgulho).

OS ADVERSARIOS.

Nota. Para o que segue convém lembrar ao leitor, menos versado em história, que não se trata do política contemporânea. Hoje a França e Inglaterra estão unidas e defendem em comum seus interesses políticos e económicos. O "ódio dos ingleses", tantas vezes mencionado nesta história, é um fato que ocorreu há mais de quinhentos anos, e sua menção não pode ser omitida, para não tornar incompreensível toda a narração. De modo algum nossa finalidade é suscitar novos rancôres.

— Joana fizera maravilhas e os ingleses são geralmente supersticiosos; assim elles pensavam que ella estivesse possessa pelo demônio... e planejavam sua morte (Prior Th. Marie).

— Denunciaram-me como favorável a Joana... receei por minha vida (P. Miget). — Quanto aos assistentes e mais conselheiros, creio que não ousavam resistir, porque não havia ninguém que não tivesse medo (G. Manchon). — N. Houpeville foi lançado à prisão por não querer participar do processo... Ninguém ousava dar conselhos a Joana, por medo dos ingleses (M. Ladvenu). — Vários que não queriam assistir ao processo tiveram de fugir (R. Grouchet).

— O Bispo de Beauvais podia prender Joana numa prisão eclesiástica, mas permitiu que desde o começo do processo até a execução da sentença fôsse atormentada e cruelmente maltratada na prisão secular. Os assistentes julgaram conveniente pô-la na prisão eclesiástica, "Mas não, disse o bispo, não o farei", por medo dos ingleses (Padre Massieu).

— Quando levava Joana à sala do tribunal, e passando diante da capela, eu lhe permitia fazer ali oração. Algumas vezes surpreendeu-me d'Estivet que dizia: "Patife! Atreves-te a permitir que esta meretriz excomungada se aproxime do santuário. Mandarei fechar-te durante um mês numa torre, onde não verás nem sol nem lua... (P. Massieu). — Mestre Jean d'Estivet, o promotor do processo, era um sujeito mau, e servilmente dedicado aos ingleses (Boisguillaume).

FALSIFICAÇÕES

— Dois ou três secretários do rei inglês anotavam, ou pretendiam anotar as declarações de Joana, omitindo o que servia para sua defesa e justificação. Quando alguma resposta não era do agrado de Mgr. de Beauvais e dos mestres, elles me proibiam de as anotar... Várias vezes os juizes queriam me obrigar a usar locuções diferentes, alterando o sentido das

suas palavras. Falavam em língua latina (para não serem compreendidos por Joana. Manchon).

G. Prévosteau, advogado do segundo processo, redigiu 27 pontos, relativos ao processo anterior, dos quais citamos: Ponto 15. ... Tôdas estas declarações (de Joana) foram supressas pelos inglêses e seus auxiliares, até provocaram nas atas do processo falsificações mentirosas. — Ponto 18. O texto original francês foi traduzido defeituosamente para o latim, privado de muitas declarações favoráveis a Joana e provido de acréscimos mentirosos. — Ponto 22. O processo e julgamento são injustos porque não deu a Joana a possibilidade de defesa em matéria tão grave.

IRREGULARIDADES ESSENCIAIS.

No segundo processo foi constatada uma gravíssima irregularidade nas atas do primeiro. Tôdas as acusações, os pretensos "crimes" de Joana tinham sido condensados, como vimos, em 12 artigos e sôbre êstes se baseou finalmente a sentença condenatória. Mas o secretário honesto Manchon tinha apostado anotações corretivas a quase todos os artigos, apontando numerosas falsificações e exigindo correção delas. Mas as correções não foram feitas, e a condenação de Joana repousava integralmente num documento cientemente falsificado. Além disto consta que Joana nunca o viu, nem teve ocasião para se defender. Esta revelação é a mais chocante e degrada o processo e a condenação a um qualificado e clamoroso crime, a uma verdadeira farsa jurídica.

— Outra grave irregularidade foi cometida no momento da execução. Sem sentença do tribunal secular Joana foi entregue ao carrasco, com a ordem: "Cumpre teu dever" (Frei Y. de la Pierre). — Eu julgo que não procederam corretamente. Pouco depois um malfeitor foi também relaxado ao braço secular; foi trazido para a sala do tribunal e condenado ali pela justiça civil, não entregue tão de improviso à pena capital (O juiz André Marguerie). Vemos que os inimigos de Joana nem acharam necessário fazer um simulacro de legalidade. Jean Lefèvre constatou certo dia que os juizes cansavam demais a acusada e continuavam a atormentá-la, embora pudessem contentar-se com as respostas dadas. Mas foi apostrofado: "Cala-te!"

— Segundo minha opinião as perguntas eram difíceis demais para condenar Joana pelas suas próprias palavras; porque

era uma pobre e simples menina, que aprendeu a custo o Pai-Nosso e a Ave-Maria (Frei M. Ladvenu).

— Sujeitaram Joana a interrogatórios por demais difíceis, sutis e cavilosos; os presentes, grandes sábios e senhores bem instruídos, só teriam respondido com dificuldade, pelo que vários assistentes murmuravam (Y. de la Pierre).

PRUDÊNCIA DE JOANA

Uma impressão quase indelével ficou gravada em todos os assistentes pelas respostas quase inspiradas da inculta menina. Ouçamos alguns dos múltiplos testemunhos.

— Suas respostas eram espirituosas e prudentes. O Abade de Fécamp (o grande inimigo de Joana) me disse que um grande sábio poderia ter tropeçado e caído nos difíceis interrogatórios. O que pois dizer dela que não conhecia o proceder jurídico? (Juiz R. de Grouchat). — Nunca vi uma mulher desta idade causar tanta perplexidade aos juizes (Jean le Sauvage, O. P.).

— Ouvi dizer que Joana dava respostas maravilhosas e tinha uma memória admirável... Avisou uma vez que já fôra examinado sôbre a mesma matéria, havia oito dias, e que tal fôra sua resposta... Contestaram-na. Mas averiguando a resposta daquele dia, viram que Joana tinha razão. Em caso tão difícil, creio eu, ela teria sido incapaz de se defender — eli só contra os ilustres sábios — se não fôsse inspirada (Manchon).

Ouçamos ainda uma resposta da espirituosa menina. Alguém perguntou se jamais estivera num combate em que foram mortos inglêses. Respondeu: "Por Deus! Sem dúvida! Com que ingenuidade falais! E por que não se retiraram da França? E por que não voltaram à sua terra?" Entre os presentes estava um senhor feudal inglêz. A estas palavras exclamou: "Em verdade uma mulher valente! Oxalá fôsse inglêsa!" — Não! Não há doutor tão sábio e perspicaz que não ficasse consternado e embaraçado diante de tantos mestres e semelhante assembléia (Jean Tiphaine).

SUJEIÇÃO A IGREJA

No processo instruído com a única finalidade de condenar a odiada antagonista dos inglêses, Joana foi maliciosamente enredada por perguntas insidiosas sôbre a sujeição à Igreja, como vimos. Foram anotadas suas respostas menos acertadas e omitidas suas declarações de sujeição e de apelação ao Papa

e ao Concílio de Basiléia. Também do crime de insubmissão ela foi luminosamente absolvida no processo de reabilitação.

Na lista de 27 artigos de G. Prévosteau, baseado em depoimentos fidedignos, rezava o número 14: "Além disto Joana afirmava durante o processo, como também fora dêle, sua sujeição à decisão da Igreja e do Santo Padre o Papa". E o ponto 16: "Joana nunca negou sujeição ao julgamento da Igreja, também da Igreja Militante". O ponto 17 constata que o próprio promotor do processo condenatório reconheceu a falta de conhecimento de Joana a respeito da Igreja; opinava que Igreja significava os clérigos presentes, servidores dos ingleses. Afirma ainda o ponto 10 que os ingleses se apresentavam de noite como aparições aconselhando perversamente a Joana a não se sujeitar à Igreja se quisesse escapar à morte.

Uma informação instrutiva e clara nos é fornecida pelo juiz Richard de Grcuchet: "Quando, no correr do processo, perguntaram a Joana se queria sujeitar-se ao Bispo de Beauvais e outros assistentes especialmente designados, ela respondeu: Não. Queria sujeitar-se ao Papa e à Igreja Católica e pediu ser lhes apresentada. Quando lhe propuseram que as atas do seu processo pudessem ser enviadas ao Papa e submetidas à sua decisão, declarou: "Não, não quero que se faça, porque não sei o que vós introduzis nas atas; quero ser apresentada ao Papa e ser examinada por êle".

Resposta luminosa e de admirável sabedoria, que por si só desfaz tôdas as tramóias dos perseguidores. Joana soube portar-se impecavelmente durante o processo, não só pelas brilhantes respostas, mas especialmente pela ortodoxia dos seus sentimentos e afirmações. Eram genuínas profissões de fé, que só a impudente malícia podia desvirtuar e deturpar em rebeldia contra a autoridade legítima, constituída por Deus.

MARTIR DA VIRGINDADE

Acima ouvimos que depois da sua abjuração, Joana voltou aos trajes masculinos, o que lhe foi imputado como recada e causou sua execução. Mas como em tantas outras circunstâncias, as atas do primeiro processo velam a verdade que apreendemos de várias testemunhas do segundo processo. Vejamos os textos:

— A Pucelle me confiou que depois da abjuração foi atormentada e espancada horivelmente na prisão; um inglês, até de nobre linhagem, tentou violá-la. Foi por esta razão que ves-

tiu de novo trajes masculinos. Também o declarou publicamente. Quando se aproximou o fim, disse ao Bispo de Beauvais: "Ai! Morro por vós, porque se me tivésseis internado numa prisão eclesiástica — não estaria aqui" (Frei Martin Ladvenu).

— Quando Joana tinha prestado a abjuração, ela perguntou ao presidente em que lugar devia permanecer. O presidente respondeu: No castelo de Rouen (a antiga prisão). Foi reconduzida para lá. Vestia de novo trajes femininos. Tornada relapsa, teve que justificar-se perante os juizes. Nisto o próprio (juiz) Mestre André Marguerie correu grande perigo, por dizer que convinha perguntar a Joana por que motivo voltara aos trajes masculinos. Um inglês arrojou a lança e queria transpassar o mestre. Muito assustados, Marguerie e os outros fugiram (Jean Massieu).

Pelos depoimentos citados do segundo processo e outros que omitimos, apreendemos portanto a verdade. Joana não reassumiu os trajes proibidos como símbolo da sua retratação, nem propriamente por causa da prisão secular, como insinuem as atas do primeiro processo, mas por causa do perigo que nesta prisão corria sua virtude e integridade.

Aqui a heroína da Igreja e da França se elevou ao fastígio da heroicidade. Sabia que enfrentava a morte e na realidade ela foi decretada em consequência desta mudança de trajes. Se conservasse a roupa feminina, já não a teriam inquietado, qualquer que fôsse sua disposição interna. Mas antes a morte do que a violação! Joana d'Arc, já reconhecida durante a vida como a Pucelle, a Virgem, é a vitoriosa Mártir da Virgindade.

MORTE DE JOANA

Todos que presenciaram o martírio de Joana tiveram indeléveis impressões que se refletem nas declarações, feitas longos anos mais tarde.

— Logo depois da morte de Joana veio ter comigo o carrasco. Tinha milagroso arrependimento e profunda contrição e estava completamente desesperado, temendo que nunca mais pudesse alcançar graça, perdão ou indulgência perante Deus. O carrasco disse: "Quando executava um criminoso nunca tinha tanto medo, como na queima da virgem... Estava atada cruelmente no poste, porque os ingleses construíram um estrado tão alto que eu não a podia alcançar, para abreviar seus sofrimentos". Ele muito o lamentava e estava repleto de grande compaixão.

— Já nas chamas ela invocava sem cessar e até o fim com alta voz o nome de Jesus, em seguida implorava cons-

tantemente o auxílio dos santos do paraíso. E finalmente, em sinal de fervorosa fé em Deus, conseguiu proferir o nome de Jesus, quando já inclinava a cabeça e rendia o espírito, assim como lemos de santo Inácio e de outros mártires. (Estes testemunhos são dos padres Ysambert de la Pierre e Martin Ladvenu, que assistiram a Joana até a morte.

— Joana foi queimada viva. Não vi a cena, porque meu coração não o teria agüentado, tanta compaixão sentia por ela. Quase todos murmuravam que era grande maldade. Pude ouvir Mestre Jean Tressart, secretário do rei inglês, voltando da execução, lamentar o que fizeram a Joana e o que acabara de ver. "Estamos todos perdidos, disse, queimamos uma santa!" Acrescentou: "Creio que sua alma está nas mãos de Deus, porque em meio das chamas não cessava de invocar o nome de Jesus". Depois da morte os ingleses mandaram recolher as cinzas e lançá-las ao Sena: tal era o medo de que Joana lhes pudesse escapar ou que alguns pudessem crer que lhes tenha escapado (Cidadão Pierre Cusquel).

— Quando ela estava morta, os ingleses mandaram diminuir as chamas, para que os presentes pudessem ver que Joana tinha falecido, e ninguém contasse que lhes tivesse escapado. Mestre Jean Alespée, cônego de Rouen, estava a meu lado. Ouvi-o dizer com lágrimas: "Queira Deus que minha alma estivesse ali, onde creio que está agora a dela" (Cantor Jean Riquier).

REABILITAÇÃO

Depois de ouvidas as numerosas testemunhas, nos vários teatros da vida de Joana d'Arc, o inquisidor e juiz Jean Bréhal redigiu uma extensa sinopse, a "Recollectio" do processo. Apon- tou em nove capítulos todos os defeitos jurídicos, e em mais doze capítulos os cruéis maus tratos, intimidações, injustiças, falsificações e calúnias e a iníqua sentença final do processo condenatório. Conhecemos em resumo o conteúdo, pelo excerto dos depoimentos dado acima.

Os legados do Papa estudaram esta obra de duzentas páginas. Nos portais de Rouen foi afixado um convite aos adversários da reabilitação. Não comparecendo ninguém, foi fixado o dia 7 de julho de 1456 para o solene pronunciamento da sentença. Estava presente também Jean d'Arc, irmão da sentenciada.

Do ato solene reproduzimos as conclusões:

DECLARAMOS PRIMEIRO que os doze artigos, no processo arrogado, a base da sentença pronunciada contra a falecida,

constituem um resumo mentiroso, falso, aleivoso, astuto, malicioso do pretense processo, porque calam a verdade, são falsos em vários pontos essenciais, induzindo em erro os juizes e assistentes, e os declaramos inválidos, revogados e anulados...

DECLARAMOS SEGUNDO, publicamos, mandamos e ordenamos que o dito processo e seus julgamentos, eivados de malícia, falsas acusações, injustiça, mentira, erro judiciário notório, da mesma forma a abjuração feita por Joana, e tôdas as manipulações e efeitos eram, são e serão ilegais, inválidos e nulos.

No que toca a Joana, seus defensores e parentes, não incorreram por ocasião dos fatos mencionados nenhuma nódoa ou vergonha e dela sejam isentos e livres...

* * *

Estava restituída a honra de uma das mais puras glórias da humanidade, da França e da Igreja Católica. Parentes e amigos da Pucelle levantaram a cabeça, livres da vergonha que os cobrira. Tôda a França despertou de um oprimente pesadelo, fôra restituída a honra nacional e da casa reinante.

A desonra caíra também sôbre os frades pregadores, detentores daquela instituição em cujo nome se cometera o nefando assassinio jurídico, a Inquisição. Agora dois frades se congratulavam de levar as atas da reabilitação, junto com a auspiciosa notícia, ao Santo Padre Calixto III em Roma.

Tôda a França entrou em festa, sendo as solenidades mais entusiásticas e significativas celebradas em Orléans e Rouen. Até hoje êstes teatros principais da glória, aniquilação e reabilitação da heroína, são os mais fiéis na sua comemoração.

Em nosso século a humilde pastorinha de Domrémy recebeu a maior homenagem de que pode gozar em terra um ser humano. Aos 9 de maio de 1920, aniversário da libertação de Orléans, o Papa Bento XV elevou Joana d'Arc à honra dos altares, enumerando-a entre os santos canonizados, os grandes heróis da Igreja. Terra e Céu admiram e honram a Guerreira, Virgem e Mártir Santa Joana d'Arc.

EPÍLOGO

A vida e sorte extraordinária de Joana d'Arc, vidente e mártir de um tribunal ilegal, poderia despertar várias dúvidas a que já aludimos no decorrer da narração. Para maior clareza achamos útil acrescentar aqui algumas explicações em resposta a objeções que se podem fazer.

DE QUEM ERAM AS "VOZES"?

Sabemos pela Sagrada Escritura, pela doutrina da Igreja e pela própria razão, que Deus pode comunicar-se à sua criatura. Ele fêz revelações destinadas a toda a humanidade, depositadas na doutrina da Igreja Católica. Também existem revelações feitas a pessoas particulares. Enquanto as primeiras são garantidas pela Igreja infalível, permitindo-nos aceitá-las sem perigo de erro, as segundas não gozam de infalibilidade.

Joana d'Arc via luz, distinguia vultos venerandos trazendo coroas de ouro, ouvia-lhes as vozes. Estava convencida de que estas aparições vinham de Deus. Na mesma época apresentavam-se também outros visionários, propalando pretensas revelações, cientemente inventadas, ou frutos de fantasia exaltada ou doentia. Justa prudência aconselhou ao rei mandar examinar Joana por pessoas experimentadas e fidedignas.

Considerando a vida edificante de Joana, seu juízo são e equilibrado, o conteúdo digno e santo de suas revelações, os juízes informaram o rei que podia confiar em Joana, mas ninguém considerou suas visões como provadas e absolutamente certas. Seguiam as normas da Igreja que recomendam cautela com as revelações particulares. Tais comunicações divinas dirigem-se só às pessoas agraciadas e não exigem necessariamente o assentimento dos outros. A Igreja não se pronuncia sobre sua origem e veracidade nem as impõe à nossa aceitação; só em raros casos, declara que concordam (ou não) com a fé católica.

Os contemporâneos e a posteridade constatarem com admiração que um por um se verificaram os eventos futuros, preditos por Joana. Por isso admitem muitos que a vidente era realmente inspirada por Deus. Outros põem-no em dúvida ou,

como todos os descrentes, negam-no redondamente. Taxamos de imprudentes estas opiniões, mas a Igreja não nega a ninguém o direito de as sustentar e aceitar. Cada um é livre de aceitar ou rejeitar a genuinidade e sobrenaturalidade das "vozes" de Joana d'Arc.

Convém salientar aqui a imensa diferença entre as "vozes" da vidente de Domrémy e o que pretendem ouvir os médiuns espíritas.

Deus inspira, pela graça, pensamentos e resoluções salutares a todos os homens, de preferência aos batizados. Mas só raríssimas vezes Ele ou seus anjos e santos falam com voz audível a almas escolhidas. Portanto já a frequência das manifestações espíritas prova a sua origem espúria.

No nosso caso a escolhida de Deus era de vida exemplar, de constituição sadia, isenta de alienações e perturbações nervosas, recebendo as visitas santas em pleno dia, em estado de calma e recolhimento. O que mais distingue suas visões é a sua dignidade e a previsão do futuro, ultrapassando tôdas as possibilidades da ciência ordinária. A vidente não se preparava num horário marcado para se pôr em transe e assim tomar contacto com o outro mundo. Tudo diametralmente oposto ao que se passa na escuridão das sessões espíritas, onde pessoas, frquentemente de vida dúbia, de nervos abalados, em "transe" e caráter patológico, afirmam ter comunicações com pessoas difuntas, comunicações as mais das vezes fúteis e ridículas, e casualmente certas, quando se atrevem a predizer acontecimentos futuros.

Segundo a doutrina católica, baseada na revelação divina, as almas dos defuntos estão ou no céu, ou no inferno, ou, temporariamente, no purgatório. Deus proíbe a evocação dos mortos. "A pessoa que se dirigir a espíritos ou adivinhos para se prostituir com eles, eu voltarei contra ela a minha face, e a cortarei do meio do meu povo" (Lev 20, 6). Por conseguinte Ele não permitirá que as almas apareçam nas sessões espíritas e reuniões semelhantes, onde se contraria a ordem divina.

Das almas finadas devemos distinguir os demônios, anjos caídos e condenados ao inferno. Com permissão divina os demônios podem tentar os homens. Os únicos espíritos que poderiam intrometer-se nas sessões espíritas são portanto os demônios, mas sua influência é "demoníaca", nefasta, causando a desgraça temporal e eterna dos participantes. Muitos, entretanto, admitem que nas sessões espíritas realmente nunca aparecem espíritos.

As raríssimas aparições de santos não têm nada de comum com evocações mediúnicas e fazem-se por ordem divina, em circunstâncias que patenteiam sua dignidade e caráter sobrenatural. Leia-se a vida de Bernadette Soubirous, a vidente de Lourdes, ou as aparições de Nossa Senhora em Fátima.

A IGREJA, SUA INFALIBILIDADE E PODER JUDICIÁRIO

Joana d'Arc foi acusada e condenada pelo crime de insubmissão à Igreja. Os testemunhos relatados no texto provam a improcedência da acusação. Acrescentamos ainda alguns esclarecimentos sobre a Igreja, sua definição e algumas características relacionadas com o famoso processo de Rouen.

O que é a Igreja? Com este nome designamos a reunião de todos os fiéis do mundo, que aceitam a doutrina de Jesus Cristo e, junto com os seus curas de almas, obedecem aos bispos e ao Santo Padre o Papa. O Papa é o chefe supremo da Igreja. Todas as seitas que se chamam cristãs, mas não obedecem ao Papa, não pertencem à verdadeira Igreja de Deus.

Quais são os ofícios da Igreja? A Igreja tem os ofícios de ensinar e propagar a doutrina que Jesus Cristo revelou, e de pastorear e santificar os fiéis.

Quem representa a Igreja? Sendo o chefe universal da Igreja, o Papa também a representa, e não pode haver autoridade eclesiástica independente da papal. Na própria diocese, o bispo ligado ao Papa, representa a Igreja. A Igreja Universal pode ser representada ainda pela reunião de bispos, vindos de várias regiões, incluindo o próprio chefe o Papa, presente em pessoa, ou por um legado seu. Sem a autoridade do Papa, semelhante reunião ou "concílio", não pode representar a Igreja. No tempo de Joana d'Arc estava reunido em Basiléia), Suíça, um Concílio Universal.

A Igreja possui direitos judiciais? Como o estado civil, também a Igreja necessita para sua conservação o direito de julgar (castigar, excluir) membros prejudiciais. Dentro da sua esfera, muitas sociedades particulares, até desportivas, procedem da mesma forma. O poder judiciário é exercido pelo Papa em toda a Igreja e pelo bispo em sua diocese. Este poder é eclesiástico, não civil, tendo como objeto crimes contra a religião: pecados, erros contra a fé, indisciplina contra os superiores eclesiásticos.

Podia o bispo Pierre Cauchon instaurar um processo em Rouen? Pierre Cauchon era Bispo de Beauvais e não de Rouen. Por conseguinte só poderia ser juiz eclesiástico com a autorização recebida de uma autoridade eclesiástica competente (Papa, legado do Papa, bispo de Rouen...). Podemos supor que a obteve. Existia porém naquele tempo, por instituição papal, um tribunal eclesiástico, a Inquisição, para julgar os crimes contra a fé. Juiz era o inquisidor, diferente do bispo. Para dar a sentença era prescrita a colaboração do inquisidor e do bispo. Mas o inquisidor tinha desaparecido, sem deixar substituto, o que tirava a Cauchon a possibilidade de instruir um processo legítimo. A autorização que recebera dos ingleses era inválida, porque leigos não podem dar jurisdição eclesiástica, tão pouco como um bispo pode nomear um juiz civil. Portanto a ação de Cauchon contra Joana d'Arc era inválida. O tribunal apresentava ainda outras irregularidades, denunciadas, como vimos, pelo jurisconsulto Lohier.

Joana d'Arc devia sujeitar-se ao tribunal reunido por P. Cauchon? Em vista da ilegalidade do proceder, Joana não tinha obrigação de se sujeitar. A sentença proferida contra ela era inválida, além de injusta.

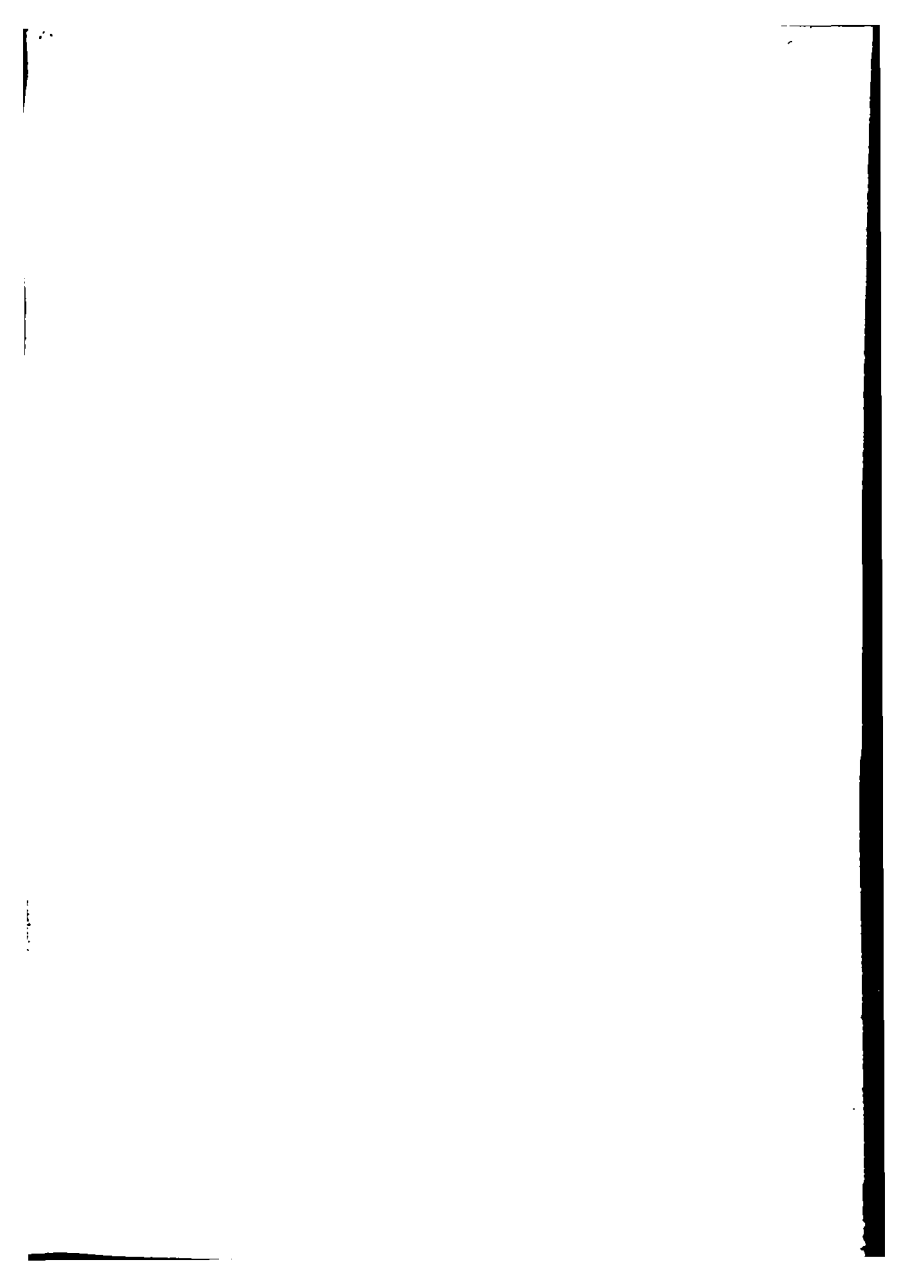
Quem executava a pena máxima, que naquele tempo era a morte na fogueira? Depois da condenação os réus eram entregues ao poder civil, que os executava. — Mais informações sobre o tribunal eclesiástico, veja na brochura: *A Inquisição*, caderno N° 33 desta série.

Se a Igreja é infalível, como pode errar um tribunal eclesiástico? A infalibilidade da Igreja não se estende a seus tribunais. Infalível é o Papa e o Concílio Universal junto com o Papa, quando declaram verdades da fé e da moral para toda a Igreja. Jesus Cristo prometeu a São Pedro, aos apóstolos e sucessores a assistência do Espírito Santo para impedir que toda a Igreja caísse em erro. Esta assistência não é necessária para os casos particulares, como os processos jurídicos. Em geral os processos eclesiásticos, hoje fora de uso, eram conduzidos com grande circunspecção e conscienciosidade, o que não impedia erro ocasional, como no célebre processo contra Galileu Galilei. — Ver a brochura *Galileu Galilei*. N° 7 desta série. O tribunal de Rouen era ilegal. Seus erros não podem ser imputados à Igreja.

Como se pode explicar que tantos homens eclesiásticos participaram do processo injusto e escandaloso de Rouen? As razões aparecem no correr da narração. Muitos dos assessôres

191
julgarão o processo justo, vendo em Joana uma adversária da causa inglesa, aceita como justa e legal. Outros só assistiam obrigados pela força. Esta atitude era sem dúvida uma fraqueza reprovável. Pierre Cauchon, o Abade Fécamp e talvez mais alguns assistentes patentearam uma disposição criminosa que não tem desculpa. Não deve ser esquecido que muitas pessoas se negaram a participar do processo.

A verdadeira farsa jurídica encenada por ódio político, virou contra seus autores, cobrindo-os de infâmia indelével. Todos os esforços para aniquilar a defensora da França e seu rei tiveram o efeito contrário de revelar ao mundo uma grandeza d'alma cuja glória nunca esmorecerá.



VOZES EM DEFESA DA FÉ

Série II: Cadernos

1. Por que a Igreja condenou o Espiritismo
2. Ou Católico ou Maçon
3. A LBV de Alziro Zarur
4. A Psicografia e Chico Xavier
5. Liberdade de Ensino
6. Livro Negro da Evocação dos Espíritos
7. Galileu Galilei à Luz da História e Astronomia
8. Resposta aos Espíritos
9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os Episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral
27. A Teoria de "A Bíblia somente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé somente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve?
31. A Imortalidade da Alma
32. Cristo é realmente Deus?
33. A Inquisição
34. Nossas Superstições
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos
36. Por que Escolas Católicas?
37. Joana d'Arc, a Donzela de Orléans.
38. Deus existe?

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,
já em preparo

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA

Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio